

**O PAPEL DO EDUCADOR
FACE À CRISE DE IDEN-
TIDADE NA SOCIEDADE
DE MASSA**

"Alguém que compreenda o mal particular de sua época e chegue à conclusão de que este o submerge, mergulha profundamente no seu coração, procurando inspiração e, quando a recebe, apresenta-a a outros".

Gandhi

"A única maneira de poder encontrar um sentido na confusão sem igual e no absurdo sem precedentes ocasionado pelo colapso da cultura ocidental é reconhecer-me como parte de uma sociedade tanto condenada como redimida. Uma sociedade que recebeu a misericórdia de Cristo e lhe foi infiel. E se minha sociedade não é capaz de reconhecer esta verdade, ela acabará por se destruir e talvez a todos os demais"

Th. Merton

SUMÁRIO

Introdução

Alguns Traços Característicos e Comuns da Sociedade Moderna

Gênese da Crise

A Crise de Identidade enquanto Problema Existencial do Educador em Relação a si próprio e ao Educando

Conclusão

INTRODUÇÃO

Somos um país subdesenvolvido, ou em vias de desenvolvimento.

Na sociedade global interdependente em que vivemos parece inviável que os países menos desenvolvidos atinjam sua independência econômica e política sem que sofram forte influência das sociedades ditas desenvolvidas.

Conhecer o estágio atual da sociedade moderna é um imperativo a todo educador como condição de que possa efetivamente fazer história.

Esta inserção na história permite, por outro lado, a cada um de nós, descobrir o papel que nos cabe na tarefa de contribuir aqui e agora pelo advento de um mundo melhor.

O problema de identidade, ora proposto, e seu adequado equacionamento, parece-nos um pressuposto básico à própria possibilidade de construção de um mundo melhor.

Em outras palavras, a menos que se viabilize e se efetive existencialmente a humanização do homem moderno não se vê como poderá ele construir para si um mundo em que ocupe o lugar que lhe cabe de sujeito e senhor de sua própria evolução.

Alguns Traços Característicos e Comuns da Sociedade Moderna

Sumário

1. Considerações Iniciais
2. Características da Sociedade Moderna
 - 2.1. O homem-massa
 - 2.2. O supercontrole
 - 2.3. Aceleração do processo de mudança
 - 2.4. Interação e interdependência
 - 2.5. Crescimento populacional e urbanização
 - 2.6. Desequilíbrio ecológico e poluição
 - 2.7. Pluralismo
3. Conclusões

1. Considerações Iniciais

Não pretendo me alongar neste tema quanto deveria mesmo porque outros que aqui me antecederam já o fizeram. Basta-nos tão - somente registrar os antecedentes que servirão de pressupostos ao assunto central de nossa análise.

2. Características da Sociedade Moderna

2.1. O homem-massa

O surgimento do homem-massa caracteriza-se pela perda de identidade do indivíduo. Por identidade entenda-se aqui o conjunto de crenças e convicções autênticas e pessoais de alguém; a capacidade de se autodeterminar, de escolher ou rejeitar mesmo aquilo que não julgar bom para si conquanto possa ser bom para outrem.

A identidade não se recebe, portanto, mas cada um tem de criá-la para si próprio por opções que são de imenso significado para o sujeito e requerem ao mesmo tempo coragem para enfrentar o risco e a angústia. O homem-massa não tem identidade simplesmente porque sua vida é uma resposta às exigências da sociedade sem considerar-se a si mesmo enquanto pessoa. Suas opções e ações estão comprometidas com a utilidade ou o proveito que delas possa tirar. Suas "convicções" flutuam ao sabor de seus interesses que pôr sua vez se adaptam aos ditames da moda, não possui identidade simplesmente porque se transforma em máquina programada para desempenhar papéis, especialmente o de consumidor.

2.2. O supercontrole

O supercontrole se ocupa em manter o homem massificado. Os meios de comunicação e a propaganda permitiram uma eficiência jamais imaginada, e parece que seus recursos já refinados são inesgotáveis, no sentido de se obter um controle absoluto do homem na sociedade. Nunca o homem dispôs de tanta informação como em nossos dias. E nunca foi tão mal informado.

2.3. A aceleração do processo de mudanças

As rápidas transformações ensinam-nos presenciar em uma década mudanças quantitativamente superiores àquelas que anteriormente só seriam possíveis ao longo de um ou mais séculos.

Nossa capacidade de adaptação é posta continuamente à prova. Nem bem nos preparamos para enfrentar uma mudança e logo outra vem de atropelo. Aos poucos perde-se todo referencial cultural. Fala-se da "última década" como de uma época longínqua, perdida em nossas reminiscências. O próprio conceito de prazos se altera face à aceleração das mudanças. O planejador reduziu suas prognoses de dez para cinco anos e hoje já se fala em dois anos de vida útil para um plano manter-se atualizado.

Hábitos, costumes e tradições são engolidos, substituídos, esquecidos no tropel de mudanças. Por toda a parte onde chega, o "progresso" vai alterando a paisagem. A introdução de tecnologia, de novas e modernas formas de produção de bens e serviços é feita sem considerar as várias culturas. O mudancismo desperta uma necessidade obsessiva de andar na moda, tão bem expresso pelo nosso "já era". Tudo já era. O novo vale, simplesmente, por ser novo e, portanto, sem nenhuma perspectiva de sobrevivência no tempo. Não faltam também os cultivadores do passado. Basta que algo seja antigo para ser bom. Um vinho azedo, envelhecido, nem por isso assume melhor paladar.

Na realidade o que ocorre é que as referências culturais do indivíduo vão aos poucos sendo destruídas juntamente com o que convencionou chamar de progresso.

Nem se confunda aqui o alto grau de maturidade de alguns poucos que transcendem sua cultura, tradições, nacionalidade, tudo reintegrado num universalismo despojado e solidário com o homem e com a espécie humana.

O supercontrole tem mil formas e instrumentos que vão desde a espionagem até a propaganda; desde os mini-aparelhos eletrônicos até às complexas centrais de armazenamento e difusão. A propaganda, no entanto, é que produz os efeitos mais gra-

ves porque, por meio de verdades e razões aparentes, suprime nosso espírito crítico. O homem se transforma num objeto de manipulação e condicionamento. A propaganda toma as decisões por nós enquanto nos deixa a sensação de orgulho e satisfação de pessoas que decidiram por si mesmas. Daí o se afirmar hoje que quem detém a informação, detém o poder. Em consequência há uma corrida desenfreada em todo o mundo para obter e manipular informações. O homem de negócios desenvolve atividades de espionagem industrial contra seu concorrente; os técnicos em propaganda lançam mão de qualquer artifício para vender os produtos de seus clientes onde o critério de valores se subordina ao slogan de que "o que é bom para o mercado é bom para a sociedade"; nem mesmo a educação escapa dessa guerra, e a todo o momento procura-se vender a imagem de escolas, cursos, cursinhos, como se fossem mera e simplesmente enlatados para o consumo da população.

Nessa guerra desenfreada o homem moderno é soterrado sob a avalanche de informações e apelos à sua sensibilidade. O volume de mensagens que recebe diariamente não lhe dá sequer a possibilidade de se deter para uma análise do que acontece. Seu papel se reduz ao de um receptor, ao de massa informe a ser moldada pela propaganda. Em consequência cai no relativismo moral onde a reação de bem e de mal se reduz ao utilitarismo. Não se pergunta mais se uma coisa é boa ou má, mas qual o proveito que advirá para o sujeito se tomar ou deixar de tomar certa atitude. O relativismo moral, a perda da noção de valores implicam num vazio existencial cujas formas de preenchimento vão desde a fuga pelos tóxicos até o superativismo onde não se deixa tempo para o indivíduo estar só e pensar; mesmo o seu lazer já é programado para que isso não venha a ocorrer.

Uma tal pessoa, só chega aonde chegou, mergulhando profundamente e assumindo em toda a extensão a sua própria cultura e sua própria verdade, aceitou a essa história e a superou pelo desprendimento e pelo amor.

O que ocorre comumente, no entanto, não é as pessoas evoluírem para um amadurecimento desse tipo. A desagregação cultural desenraiza as pessoas, tira-lhes a consistência, a consciência de duração no tempo, enfim transforma o homem num ser sem história. O apego exacerbado, tanto ao novo quanto velho são sintomas da busca de algo a que nos agarrar e que nos permita ter a sensação de sermos humanos e não mutantes, andróginos, biônicos, super-homens ou tantas outras entidades imaginárias com que se tenta acostumar o homem moderno com a idéia de que o "processo", as mudanças hão de compensá-lo com poderes ilimitados ou um paraíso terrestre em troca do sacrifício de sua condição humana.

Mas não há mudança, por rápida e profunda que seja, que faça com que um homem não seja visceralmente um homem, por mais que se o mutile. Em troca, ele se rebela contra as mudanças, "os benefícios" que lhe foram dados ou impostos sem lhe consultar, sem permitir sua participação, no qual ele é um mero espectador passivo. Essa rejeição de um progresso que nos é imposto tem uma de suas maiores manifestações na depredação, no descaso coletivo pelas obras, serviços e equipamentos públicos, símbolos do progresso, entre os quais se incluem de forma especial os estabelecimentos de ensino.

2.4. Interação e interdependência

Os modernos meios de comunicação multiplicaram os contatos, o intercâmbio em escala mundial. O efeito de demonstração desempenha um papel especial neste processo. Os interesses econômicos, por sua vez, geram atividades entre nações sem maiores laços culturais, políticos e ideológicos. Abruptamente, um país sul-americano, como a Venezuela, vê-se associado ao grupo de países produtores de petróleo, composto em sua maioria por países árabes do Oriente Médio. Os contatos diversificam-se e multiplicam-se de acordo com as alterações constantes dos interesses de nações, grupos e blocos. Qualquer fato novo imprevisível ocorrido alhures reflete-se no sistema econômico, político ou social de outras nações, obrigando-as assim à constante revisão e readaptação de seus prognósticos.

2.5. Crescimento populacional e urbanização

A redução da mortalidade infantil, o prolongamento da expectativa de vida, malgrado todos os métodos contraceptivos modernos e tradicionais, implicaram num crescimento explosivo da população mundial especialmente nos países subdesenvolvidos. As composições etárias das populações se alteram profundamente. Em alguns países o número de aposentados se equivale ou supera a população em idade ativa; outros há com população predominantemente jovem. De todo esse quadro sobressai uma preocupação crescente com a crise mundial de alimentos, a qual já vem sendo experimentada por alguns países. A própria FAO não esconde essa preocupação ao confrontar as taxas de crescimento da população mundial com as de produção de alimentos.

A liberação de mão-de-obra agrícola pela introdução de processos racionais e largamente automatizados; a busca de melhores salários, de educação, de assistência médica e social; o próprio fascínio exercido pelas luzes da cidade no homem simples do interior provocaram uma avalanche migratória para o Oeste, simbolizada na construção de Brasília no planalto central e mais tarde a construção da Transamazônica foram tentativas de entre outros objetivos reorientar os fluxos migratórios tradicionalmente dirigidos para as metrópoles litorâneas. O fato é que assistimos em nosso século o surgimento de grandes concentrações urbanas cujas malhas se estenderam às cidades vizinhas dando origem ao fenômeno da conurbação que entre nós denominamos de áreas metropolitanas. Os futurólogos já preconizam a interligação dessas áreas para a formação de megalópolis. A oferta de empregos concentra-se normalmente na cidade pólo, obrigando os residentes nas cidades satélites a longos e penosos trajetos em transportes coletivos para seus locais de trabalho.

Surgem as favelas, a violência crescente e generalizada, a delinqüência juvenil, tóxicos, insegurança, angústia, isolamento

na multidão, luta por ascensão social, por aquisição de símbolos de prestígio a qualquer preço, competição, individualismo.

As cidades não cresceram como convém a tudo que guarda uma dimensão humana. Simplesmente incharam e estão, algumas, a ponto de explodir.

Todo aparato tecnológico de que dispomos não foi capaz de prever a ocorrência de problemas tão evidentes como os de habitação, de transportes, de água potável, de canalização e tratamento de esgotos, de áreas verdes, enfim de tudo o que já fora solucionado nas cidades antigas conquanto que em menor escala e com recursos técnicos incomparavelmente mais limitados.

Para corrigir a imprevisão injustificável acumulada ao longo dos anos tenta-se hoje salvar os centros urbanos do colapso. Esforços e recursos são concentrados no atenuamento do problema, os quais, por sua vez, estimulam ainda mais o crescimento dos grandes centros.

Pergunta-se hoje se de fato existe uma solução para alguns dos maiores centros urbanos e se as soluções, conquanto que tecnicamente viáveis, poderiam devolver à cidade e ao cidadão a possibilidade de uma vida humanizada.

Enfim, por toda a parte, questiona-se o que fazer com o ritmo de crescimento da população e uma provável crise mundial de alimentos dentro das próximas duas décadas e com a solução, se existe alguma, para os grandes centros urbanos e a tendência para acelerar-se o processo de urbanização.

2.6. Desequilíbrio ecológico e poluição

O desequilíbrio ecológico e a poluição emergiram na consciência mundial nesta década. Sua ocorrência, no entanto, data do início da era industrial com a utilização predatória dos recursos naturais.

Atualmente assumiu proporções de tal ordem que de seu urgente e imperioso equacionamento depende a própria sobrevivência humana.

As reservas naturais estão em vias de extinção, muitas delas inclusive já com data marcada.

Os noticiários nos dão conta diariamente de casos graves de poluição com repercussões graves para a saúde de comunidades inteiras. Por mais que se proteste e alerte contra os perigos da radiação nuclear as experiências com bombas radioativas prosseguem por toda a parte no mais flagrante desrespeito à vida humana.

Estocam-se bombas e mísseis nucleares como cereais em celeiros. Os rios e oceanos transformam-se cada vez mais em verdadeiras cloacas de objetos humanos "in natura" e lixo industrial:

O próprio ar que se respira nos grandes centros transformou-se em ameaça à saúde chegando a atingir graus de saturação onde há risco de vida. Chega-se mesmo a suspender a jornada de trabalho, para que as pessoas não usem seus automóveis nos períodos críticos. Enquanto isso são lançados mensalmente no mercado de cada centro urbano milhares de veículos de motor a explosão sem nenhum dispositivo antipolvente.

Brasília, apenas construída, já enfrenta graves problemas de poluição de seus mananciais e do próprio lago Paranoá, para cuja solução se busca ajuda técnica inclusive no exterior.

2.7. Pluralismo

A existência, numa mesma sociedade, de várias concepções de mundo, às vezes, diametralmente opostas, substitui, hoje, a visão monolítica, compacta que cada sociedade tinha sobre os seus próprios valores, crenças, costumes e normas.

Posições tidas como inconcussas, inabaláveis passam a ser discutidas e questionadas abertamente. As pessoas são continuamente colocadas diante de questões para as quais estão despreparadas psicológica e moralmente. Especialmente porque na sociedade de massas as pessoas carecem de convicções profundas e pessoais. Nesse estado são apanhadas pela avalanche de novas e heterogêneas concepções de vida cujos fundamentos não têm condição de aquilatar e deixam-se pura e simplesmente levar pela corrente, pelos slogans, abdicando a uma posição pessoal, autêntica, coerente consigo mesmas.

3. Conclusões

Sintetizando podemos dizer que o mundo moderno caracteriza-se por um processo de transformações cuja aceleração jamais foi conhecida em época alguma; esse processo resultou no que se denomina, de forma genérica e vaga, de crise do mundo moderno cuja evidência mais gritante foram as duas guerras mundiais ocorridas na primeira metade do século no curto espaço de trinta anos; a crise não só perdura mas se aguça sem que se descortine perspectivas de solução; o homem moderno, enquanto sujeito ativo e passivo da crise, vê-se num estado de frustração e confusão, que podem levá-lo à perda de interesse real pela vida, com perigo de se entregar ao desespero através de soluções extremistas, fanáticas e milistas ou, ainda, como ocorre mais frequentemente, reduz-se a conformismo onde contenta-se a beber passivamente a sua cerveja diante da televisão.

O pensamento moderno, em suas várias correntes, otimistas, cristãs, espiritualistas, materialistas - conquanto que divergentes entre si - parecem concordar quase unanimemente em um ponto: a situação do homem numa sociedade técnica e massificada impede-o de assumir a própria identidade, aliena-o de si mesmo, mantendo-o no infantilismo e na responsabilidade.

Diríamos portanto, que a alienação, a perda da identidade, é o problema central da crise, a problemática do homem moderno se reduz a seu problema central de cuja compreensão e superação dependem basicamente os demais problemas.

Cabe-nos, portanto, indagar o que levou o homem moderno ao lamentável estado de perda da sua própria identidade pessoal em troca de uma identidade coletiva, impessoal, anônima, massificada.

Gênese da Crise

“Outrora íamos coisas concernentes a utopias e nos lamentávamos por não poderem ser realizadas. Agora, porém, estamos conscientes de um problema muito maior: como impedir as utopias de se realizarem”.

Berdiaev

“Submetemos-lhe planos de nossos fornos crematórios aperfeiçoados que funcionam à base de carvão, e até o presente têm satisfeito plenamente... Garantimos sua eficácia, bem como sua durabilidade, o emprego do nosso melhor material e nossa implacável mão-de-obra”.

Excerto de uma carta comercial ao comandante do Campo de Auschwitz.

Sumário

1. Considerações Iniciais
2. Em busca de um caminho
 - 2.1. Critérios para a ação
 - 2.1.1. Ciência e tecnologia
 - 2.1.2. O amor como meio e fim
 - 2.1.3. Identidade pessoal
 - 2.2. Tentativas de uma "terapia"
3. Conclusões

1. Considerações Iniciais

Sem a visão histórica seria impossível a tentativa de compreensão do fenômeno humano em nossos dias. A história nos liberta do superficialismo dos antecedentes imediatos do fenômeno e nos eleva a um mirante onde nos é dado ter uma visão do problema em sua globalidade. Ao colocar a ciência e a tecnologia na gênese da crise atual fica subentendido que a própria ciência faz parte do fenômeno histórico global e suas raízes foram plantadas pela civilização greco-romana onde, especialmente na cultura grega, conheceu períodos áureos ainda na idade Antiga. Após a longa hibernação medieval, ela brota com o Renascimento, no início da idade Moderna, vigorosa, amadurecida e definitivamente. Esta breve localização histórica da formação do pensamento científico, ainda que telegráfica, é suficiente para o que nos propomos analisar adiante.

2. O Papel da Ciência e da Tecnologia

2.1. A descoberta do método científico

A ciência só assume foros de verdadeiro saber, em cotejo com a filosofia e a teologia, com o Renascimento. Os homens de ciência surgem da burguesia emergente em meio à desagregação da sociedade feudal. É por meio da nova forma de saber que a burguesia forçará as portas da universidade, restrita, então, quase que exclusivamente à nobreza e ao clero, como forma de afirmação, busca de reconhecimento e respeito na nova sociedade. Os dois primeiros sistematizadores do método, presos ainda ao saber filosófico - Bacon e Descartes - descendem da burguesia.

Ambos pretendiam que a ciência, o método experimental unido ao raciocínio lógico, daria ao homem um poder absoluto sobre a natureza, a possibilidade de responder a todas as questões. Não são, é verdade, homens de ciência como um Galileu, um Kepler ou um Copérnico. Mas já tentam sistematizar o novo método e estão possuídos por uma espécie de clarividência genial sobre as possibilidades fantásticas, ilimitadas que a ciência colocará nas mãos do homem.

Bacon chega a destinar ao cientista um lugar na sociedade de total autonomia e autoridade. Ao cientista caberia a função de investigar os segredos da natureza cujas descobertas seriam comunicadas "ao rei e ao parlamento, de quando em vez, quando julgar-se conveniente e adequado".

2.2. A desvinculação entre a ciência e o homem

Bacon destinará ao cientista o papel de super-homem mas é a ciência, ela própria, que vai assumir o papel de superpoder. Não de imediato. Mas gradativamente. Inicialmente o cientista é um lutador, um desafiador do sistema contra a visão estreita de um mundo estático onde a terra está fixa no centro do universo e a sociedade da mesma forma é composta de segmentos estáticos por decreto divino. Nasce-se, como se deve morrer: senhor ou servo. Alterar esta ordem natural das coisas é ir contra uma ordenação divina. Quando Galileu afirma que a terra se move, a preocupação dos que o rebatem não é com a afirmativa em si, mas porque ela questiona toda a visão de mundo à qual a astronomia oficial estava coerentemente ligada. Como conclusão, se a terra efetivamente se move pode-se levantar a hipótese de que os estratos sociais também não são estáticos por direito divino mas por vontade dos que tiravam proveito dessa concepção errônea. Infelizmente, a ciência oficial, a filosofia e a tecnologia, comprometidas com o poder e as suas vantagens, movem uma campanha de descrédito e perseguição à ciência experimental, seus mentores e adeptos. Com isso atraem para si o descrédito geral face aos constantes e incontestáveis descobrimentos e inventos através do método experimental, enquanto, pela incapacidade de diálogo e autocrítica, lançam nesse as raízes da rebelião. É no século XIX que a ciência profere alto e bom som o seu grito de independência.

Claude Bernard traça os contornos precisos do método desvinculando-os definitivamente da filosofia e teologia. Comete vai mais além. Decreta a falência de ambas na sua famosa lei dos três estágios ao tempo em que proclama o advento da única e de-

finitiva forma de conhecimento objetivo e racional - a ciência experimental. Já se dera a Revolução Francesa. A burguesia estava no poder. A ciência experimental torna-se o saber oficial. Filosofia e Teologia são destronadas. O papel destinado pelos precursores é finalmente confiado à ciência: dar uma resposta a todos os problemas humanos. Instala-se uma euforia e otimismo sem precedentes. Afinal tudo será explicado, racionalmente, sem mistérios, e o homem terá poderes ilimitados para controlar os fenômenos naturais a seu bel-prazer e em seu próprio proveito. Tem-se "fé" inabalável na ciência. Daí em diante tudo que for válido para a ciência já estará automaticamente justificado no plano moral. Tudo que é suficiente é bom, mesmo que à custa de valores humanos. No plano prático dá-se a revolução industrial com as primeiras máquinas e com elas o homem-máquina: é o progresso, ainda rudimentar, incipiente. A ciência e a tecnologia se transformam no superpoder ao qual tudo e mais deve se subordinar.

2.3. A rebelião da ciência contra o homem

O mito da ciência para o progresso humano dura pouco e a primeira guerra mundial se encarrega de destruir o otimismo ingênuo, a euforia cega que caracterizou o fim do século Belle Époque. A ciência é empregada pela primeira vez na destruição sistemática dos povos em conflito: a guerra química (gases tóxicos), o aeroplano, o submarino, a potência de fogo de novas armas são a contribuição da ciência para aumentar o poder de destruição. A criatura rebela-se contra o seu criador. O sonho de poder ilimitado transforma-se em poder para a morte. Tem-se a consciência de que se transformou num poder incontrolável. Objetivo e racional no método de investigação, mas irracional e desumano nos seus fins.

A segunda conclui a obra da primeira guerra e não deixa pairar qualquer dúvida sob o poder de destruição incontrolável permitido pela ciência: libera-se a energia nuclear, fabrica-se a primeira bomba atômica cuja primeira verificação experimental em Los Alamos é seguida de duas outras: Hiroshima e Nagasaki. As técnicas de extermínio e genocídio foram aperfeiçoadas. A propaganda é largamente utilizada como arma ideológica e de guerra.

O após-guerra assiste a corrida armamentista, a guerra fria.

Vive-se a filosofia do desespero.

3. Conclusão

Na aurora de uma época em que possibilidades ilimitadas se oferecem ao homem, ele encontra-se diante do desespero, escravo de um poder cujo controle lhe fugiu das mãos.

A ciência e a técnica não se subordinam a nenhum controle a não ser o próprio. Tem sua própria ética em relação ao que é oportuno e eficaz mesmo se implica na mais cruel e degenerada destruição do homem e do seu meio ambiente.

Pesquisa promovida pelo Congresso dos Estados Unidos revelou que a grande maioria das descobertas realizadas pela ciência em nosso século foram motivadas não por fins altruísticos, mas pelas possibilidades de lucro que adviriam do invento.

No entanto, a autonomia da técnica e ciência é de tal ordem que a subordinação aos interesses econômicos é só a curto prazo. Os próprios interesses econômicos, a longo prazo, não são levados em consideração quando limitam o desenvolvimento de qualquer nova possibilidade técnica. Exaurimos os recursos naturais a tal ponto que as taxas de crescimento econômico provavelmente terão que sofrer redução com reflexos em toda a economia, o número de negócios e o decréscimo dos lucros.

Poder-se-ia perguntar se a ciência e a técnica são tão ruins como se pinta; se não nos proporcionaram, também, muito do que há de bom na sociedade moderna.

Posta neste termos a questão já trás implícita uma resposta.

Mas parece não ser esta a questão. O problema verdadeiro, a gênese da alienação do homem moderno está na total independência assumida pela técnica face ao homem e seus valores mais intrínsecos. A questão é saber se devemos abrir mão de nossas decisões e deixar que ela decida por nós. Ora, a técnica e a ciência não têm critérios que lhes permitam dizer o que é bom para o homem simplesmente porque o bem, o mal, os valores, as crenças não são passíveis de verificação experimental, escapam à ciência, não lhe dizem respeito. A ciência simplesmente não tem resposta para as questões mais angustiantes de qualquer ser humano, como: qual o sentido da vida e da morte? Mãe alguma no mundo sentir-se-á confortada ao saber do médico a "causa mortis" de seu filho.

Concluindo, a condição degradante de alienação e perda de identidade do homem moderno deve-se ao próprio homem, ao permitir à ciência fazer tudo que quiser. Não mais questionamos o quanto haja de monstruoso ou criminoso num ato: se permite o avanço científico e, via de regra, o incremento dos negócios, é intocável.

Em síntese, ao criticar a ciência e a tecnologia em verdade é ao homem moderno que estamos criticando. Em si mesmas são instrumentos de conhecimento e domínio dos fenômenos naturais. Entregues a si mesmas são um poder incontrolável e que a história nos ensina que marcham inexoravelmente para a morte e a destruição da espécie humana.

Compete, portanto, ao próprio homem reassumir o controle da ciência submetendo-a a seus fins. E para isso tem que antes assumir a si mesmo, ser autêntico, ter identidade pessoal, enfim ser responsável por si ao invés de confiar seus destinos à máquina, transformando-o num monstro.

A Crise de Identidade enquanto Problema Pessoal do Educador face a si mesmo e ao Educando

“Ai de nós que quisemos colocar os alicerces da bondade, nós mesmos não conseguimos ser bons”.

Bertold Brecht

“Não desejavam combater o Tao. Não tentavam, por seus próprios planos, ajudar o Tao. Estes são o que chamamos homens autênticos. Mentes livres, pensamentos distantes, fronteiras limpas, faces serenas. Estavam frescas?

Frescas apenas como o outono. Quantos? Nem mais quentes que a primavera. Tudo isso surgiu deles calmamente, como as quatro estações”.

Chuang Tzu

Sumário

- 1. Considerações Iniciais**
- 2. O Papel da Ciência e da Tecnologia**
 - 2.1. A descoberta do método científico**
 - 2.2. A desvinculação entre a ciência e o homem**
 - 2.3. A rebelião da ciência contra o homem**
- 3. Conclusões**

1. Considerações Gerais

A crise da sociedade moderna tem suscitado as mais diversas respostas e proposições: há os que não vêem saída ou não estão preocupados com qualquer saída e se refugiam no passado; há os otimistas que preferem viver o momento presente submetendo-se às imposições do progresso, na convicção de que acabaremos por reencontrar o equilíbrio perdido como que impedidos por um instinto coletivo de sobrevivência; há os que pregam a necessidade de restabelecer a ordem universal, que julgam a certa, lançando mão, se preciso for, de qualquer meio de coerção necessário; alguns apontam como solução o retorno ao campo, à vida simples, em contato direto com a natureza, enquanto prenunciam a desagregação inevitável do homem nos centros urbanos.

Tantas são as variantes que não pretendemos enumerá-las todas nem mesmo as principais.

O fato de haver muitos caminhos não implica em que devamos aqui lhes propor um ou sugerir-lhes o nosso próprio caminho. Cremos que isso é um desafio a cada um de nós.

Julgamos, no entanto, oportuno propor a vossa análise e consideração os valores que poderão vos nortear e balizar qualquer que venha a ser o caminho.

2. Em Busca de um Caminho

2.1. Critérios para ação

2.1.1. Ciência e tecnologia

A contribuição do educador para superação da crise moderna há de lançar mão dos conhecimentos e meios proporcionados pela ciência e pela tecnologia porque são o instrumento adequado para promover a melhoria das condições de vida da espécie humana. Ir contra este fato é colocar-se contra a história quando não à sua margem. Rejeitar a ciência e a técnica como, mas em si mesmas, seria o mesmo que condenar para o consumo humano determinado fruto que nos provocou uma intoxicação quase fatal porque o comemos verde.

2.1.2. O amor como meio e fim

Nossa ação há de se revestir de amor porque é ele sobretudo que nós dá sabedoria que transcende a toda ciência e nos faz penetrar no sentido de nossa existência, nos põe em comunhão profunda com nossa espécie; porque só o verdadeiro amor eleva o homem, de forma inefável e misteriosa, à plena realização de si mesmo, em paz e em perfeita harmonia com o mundo que o cerca.

2.1.3. Identidade pessoal

A falta de identidade inibe nossa necessidade de amar ou transforma nosso amor em algo impessoal, frio, desumano. O sujeito destituído de identidade própria, de maturidade, facilmente esquece as pessoas, e até as sacrifica, em benefício do "amor" a uma causa, à humanidade em abstrato.

O sujeito que não assumiu a própria identidade está limitado, quando não incapacitado para amar simplesmente porque não se possui a si mesmo, está possuído pelo sistema qualquer que ele seja, e, portanto, não tem nada para dar de pessoal. Sob este aspecto, portanto, o problema do amor está intimamente vinculado e dependente da solução do problema da identidade, do reencontro do homem consigo mesmo, ou seja, da sua humanização.

É interessante notar que a tradição monástica desde os seus tempos áureos atribuía aos mosteiros uma função que, à pri-

meira vista, pode parecer fora de propósito. Ao contrário do que se poderia supor essa função visava, imediatamente, não a "espiritualização" do postulante mas sim "terapia" para as pessoas cujos desregramentos no mundo haviam rompido o equilíbrio e a sanidade próprios à natureza humana.

É que a sabedoria do "deserto" sabia que nada de autenticamente bom pode-se construir senão sobre bases humanas sólidas.

Na nossa sociedade, a perda de identidade, a desumanização, são endêmicas. Atingem não a alguns poucos que recolhem-se a hermidas em busca de si mesmos e do significado da existência, mas à sociedade global. E, portanto, o tratamento há de ser pensado para alguns poucos vocacionados à vida do claustro, do deserto, mas há de estar voltado para as condições concretas e históricas do cidadão comum inserido na sociedade de massa.

Ao educador se põe, portanto, essa importante tarefa, qual seja: estudar, refletir como se há de viabilizar a superação do problema da alienação e, de modo especial, resolver o problema em sua própria vida pessoal.

2.2. Tentativas de uma "terapia"

Inicialmente cabe esclarecer que é extremamente difícil abordar o problema da identidade, conceitualmente, com quem ainda não se deu conta dele, de vez que é um problema existencial. Corre-se, portanto, o risco de permanecer no plano meramente teórico, inconseqüente no plano pessoal; arrisca-se, ainda, a suscitar um processo de angústia, de preocupações e indagações que não partem da situação concreta do sujeito e não levam a lugar algum. Sob este aspecto, portanto, não seria recomendável suscitar o problema mais sim aproveitar as várias e constantes formas pelas quais ele se manifesta na vida pessoal.

Por outro lado, aqueles que se deram conta do problema, já o tem em grande parte resolvido.

Não devemos também esquecer que vivemos numa sociedade universal massificada e que as nossas convicções nos são impostas pelos slogans, pela propaganda, embora julguemos que as adotamos livre e conscientemente.

Todos podemos sofrer o problema da identidade em maior ou menor grau. A insatisfação, a ansiedade, a busca contínua de novos projetos, a necessidade de auto-afirmação através de realizações grandiosas se explicam em grande parte pela necessidade de preencher o vazio, a falta de sentido existencial de uma personalidade postiça.

O problema da identidade não se resolve pela lógica, pelo enquadramento do sujeito numa tipologia geral, pois se trata de um problema pessoal e único em cada sujeito. Não será, portanto, o fruto de comparações do sujeito com quem quer que seja. É algo intrínseco ao sujeito e que será o fruto de uma indagação a nós mesmos. É justamente isso que a sociedade de massa procura a todo o custo impedir através das fórmulas, estereótipos e paradigmas que pretendem "ajustar" o sujeito sem que ele próprio participe ativamente desse processo. "Ajustar" transformou-se em sinônimo de "acomodação".

Isso não quer dizer que seria correto ajudar alguém em crise de identidade reforçando a tendência para uma espécie de solipsismo em que o sujeito se encerra em si mesmo e faz da indagação um estilo de vida. Pelo contrário. Ao educador cabe a importante tarefa de despertar o interesse pelos outros. É desta forma um tanto contraditoriamente, despreocupando-se consigo mesmo e adquirindo um interesse real, humano, cálido, pelos que nos cercam que estamos, ao mesmo tempo, nos descobrindo em nossa identidade.

Não se tome, também, como autenticidade individual, a tendência para contestação de toda e qualquer ordem e normas sociais. Assim como podemos fazer da ordem a bengala que sustenta nossa falta de identidade também existe uma espécie de "escapismo" pela qual nos furtamos a enfrentar o problema, a qual consiste em transferir para a sociedade nossa incapacidade de decidir por nós mesmos, de nos doar. Racionaliza-se que, quando mudarem todas as circunstâncias adversas; quando se encontrar a pessoa ideal, a sociedade ideal, o regime político ideal, então sim nos comprometeremos com nós mesmos e com as pessoas que nos cercam. Como a situação ideal só existe na mente, pode-se proteger e desculpar a falta de identidade, de doação, de amor indefinidamente. O escapismo é o reverso da medalha do autoritarismo que se julga no direito de desprezar as pessoas no intuito de criar as "condições ideais" quando, então as pessoas poderão ser livremente elas mesmas.

Os movimentos de renovação, tão necessários em nossos dias, exigem melhor análise quando acompanhados de certa angústia, impaciência e coerção. Podem, muitas vezes, proceder de pessoas ou grupos em plena crise de identidade e que esperam com mudanças exteriores resolver seu próprio problema íntimo e pessoal.

A experiência subjetiva de que resolveu a crise de identidade é justamente inversa: tudo mudou, não no mundo exterior mas dentro do indivíduo, e ele passa a ver a realidade com outros olhos, ele reinterpreta a vida diante dos valores que assumiu. Isto não quer dizer que não hajam mudanças sensíveis na sua vida, diríamos, externas, nem que não busque transformar o mundo em que vive sentido-se solidário e responsável. Tudo isso ocorre naturalmente como decorrência e não como pressuposto. Ao tomar consciência de sua identidade por opções significativas o sujeito buscará as condições, inclusive as materiais, em consonância consigo mesmo e que ofereçam-lhe preservar e aprofundar sua existência. Há de sentir necessidade de certa dose de silêncio e solidão. Certa capacidade para o silêncio e a solidão, nas condições de vida concreta de cada um, são já indicador de maturidade e autenticidade. É esse clima que propicia esboçar e aprofundar um projeto de vida expressão da própria identidade.

O trabalho manual, artesanal, criativo, não mecanizado pode ser de grande ajuda e até alívio para o sujeito. Ao mesmo tempo em que se ocupa com o trabalho e se despreocupa de si mesmo vai aos poucos reeducando sua sensibilidade, sua capaci-

dade de sentir por si mesmo, embotada pelos apelos das imagens, sons, cores com os quais a propaganda nos retira a capacidade de discernir até mesmo aquelas coisas que nos agradam e que gostaríamos de ser ou fazer como apelo profundo e autêntico de nossa sensibilidade. Essa reeducação da sensibilidade é fundamental face à exagerada ênfase da sociedade nas formas cerebrais competitivas e aquisitivas de auto-afirmação.

3. Conclusões

Ter identidade não é, portanto, ser o que de nós se espera. Especialmente no mundo pluralista em que vivemos, torna-se ainda mais difícil dar autenticidade as nossas vidas. Não raro terá alguém que assumir idéias e valores aceitos em seu meio. Isto poderá se transformar num problema para si e num incômodo para os outros. E para isso é preciso coragem, decisão, convicção, serenidade e paz interior.

O início de solução do problema da identidade ocorre quando nos damos conta, aceitamos e nos comprometemos com um destino e um lugar que apreendemos intuitivamente como a nossa verdade pessoal que nos enche de paz e segurança interior ainda que guardem características que superam qualquer explicação racional conquanto se nos apresente com clareza suficiente face a nós mesmos. Simplesmente vemos o nosso lugar e decidimos nele viver, venha o que vier. Isso não quer dizer que todos os problemas e angústias foram resolvidos. Significa que demos consentimento à nossa realidade, podemos afinal ser nós mesmos com todas as nossas limitações e incertezas. Não há por que esmiuçar nossa resolução debruçando-nos excessivamente sobre nós mesmos com perguntas a exigirem respostas. A identidade não se adquire com silogismos.

Seres maduros, autênticos, adquirimos então liberdade para fazer de nós mesmos, de nossa existência um gesto de amor, pelo qual aparentemente nos perdemos, ou um gesto de desamor pelo qual aparentemente afirmamos nossa identidade contra todas as demais.

CONCLUSÃO

"Quando os demônios transformam os sensatos em selvagens, despem a tal ponto o século adulto que o amor deve brotar de novo de uma criança sensual!"

W. H. Auden

Vimos de relance alguns dos problemas que caracterizam o mundo moderno. Destacamos como problema central a perda de identidade, o homem-massa ou a desumanização do homem pelo supercontrole. As grandes correntes do pensamento moderno embora divergentes entre si parecem concordar com este diagnóstico do homem moderno.

Ao propor tal problema à reflexão de educadores, portanto, não afirmamos nada de novo. Simplesmente pretendemos sugerir uma hierarquia para melhor.

No momento em que nos encontramos esmagados pelos problemas de um mundo em crise, cremos que se torna indispensável um mínimo de discernimento, de lucidez histórica para não confundir sintomas com causas dispersando nossos esforços, os talentos de que dispomos, em questões não essenciais.

Julgamos, portanto, que especialmente o educador, para uma contribuição efetiva na formação de novas gerações, deva estar imbuído de uma ampla, lúcida e serena compreensão da sociedade e do homem moderno. Não lhe basta o domínio das pautas didáticas que ministra se estas não vêm precedidas de sólidas convicções pessoais. Em todas as épocas ao educador foi exigida a qualidade de ensinar pelo exemplo. No mundo pluralista parece impraticável a pretensão de querer inculcar nos ouvintes um estilo determinado de vida com exclusão de todas as outras alternativas viáveis e, às vezes, contraditórias.

Além do mais a vida moderna, dificilmente, permite ao educador um contato com seus alunos em condições um tanto artificiais da sala de aula, fora da qual, aliás, nem mestres nem alunos estão dispostos a intromissões no que se fazem ou deixam de fazer em sua vida privada. Querer insistir na figura do mestre exemplar, do qual todos guardamos na memória grata recordação, parece-me, senão um saudosismo de tempos que nos foram gratos, pelo menos, uma tentativa de todo inviável nas condições atuais. De resto seria de se perguntar se é desse modelo de mestre que necessitam as novas gerações. A missão urgente, inadiável do educador parece-nos ser não mais a de propor, pelo exemplo e pela palavra, um determinado estilo de vida e de valores. Essa missão há de ser a de mostrar que o estilo de vida e os valores assumidos é um assunto da responsabilidade exclusiva, intransferível da pessoa que os adota; que a realização humana se dá à medida em que assumimos nossa própria identidade. A dificuldade é que talvez não saibamos ou não estejamos seguros de como levar essa mensagem de forma adequada ao educando nos vários estágios de sua formação. Seria desastroso se, em nossos esforços para contribuir na educação para a liberdade responsável, déssemos a entender que assumir a própria vida é uma espécie de "batata quente" da qual cada um deve procurar se safar da melhor forma possível.

Ao educador cabe buscar a resposta adequada ao problema.

Pessoalmente, cremos que essa tarefa não será difícil para aqueles que existencialmente já passaram pelo aprendizado do amadurecimento pessoal, como experiência na qual nos é dado assumir a própria vida não como pesado fardo, mas como resposta amorosa ao convite que nos é feito à aventura maravilhosa que é viver. Essas palavras podem soar românticas e utópi-

cas quando olhamos ao nosso redor e nos perguntamos se o mundo em que vivemos nos dá o direito de acenarmos para as novas gerações com palavras como amor, esperança, alegria de viver.

Na realidade não temos esse direito. Temos, a nosso favor, o fato de sermos um povo jovem; temos fé em nossas potencialidades; não carregamos o sentimento de culpa coletiva devido à destruição, exploração econômica ou dominação política de outros povos; não vivemos de perto a degradação máxima das duas guerras mundiais nem dos vários conflitos localizados por toda a parte. Mas também temos a dolorosa consciência de que nossos destinos não dependem de nós exclusivamente mas estão comprometidos com a situação internacional cuja influência hoje se faz sentir em todos os aspectos de nossa vida econômica, política, cultural e social. E é por isso que temos o direito de acenar com engodos às novas gerações. Para que tenhamos o direito e dever de transmitir às novas gerações a mensagem de esperança, de amor, de crença no homem e no mundo em que vivemos temos que buscar fundamentos que transcendam a história.

Em outras palavras, se acenamos para a aventura do amor é porque sabemos-nos fruto do Amor infinito do Criador, que nos criou não para o desespero, para o medo e para a morte, mas para que realizemos em plenitude tudo quanto somos de humano e divino.

Com esta certeza nenhuma contingência histórica poderá abalar nossa esperança mesmo contra toda a esperança porque nos sabemos protegidos e amados por um amor que tudo pode e que nada permite senão para o bem.

E é esse amor que devemos transmitir às novas gerações com dom gratuito sem proselitismo de qualquer espécie, seja religioso, político, ideológico ou de um determinado estilo de vida. Isso seria uma corrupção do amor que lhes devemos. Um amor utilizado para conseguir adesões seria um pseudo-amor e talvez uma das maneiras mais sutis de exercer o supercontrole e impedir que as novas gerações assumam a própria vida responsável e livremente.

Enfim somos chamados a ver em nossos filhos e educandos não um objeto a ser moldado mas um ser, uma pessoa que procede do mesmo Amor que nos criou, e que ao sentir-se amado há de descobrir ao mesmo tempo sua identidade, dignidade e capacidade de amar, pelo poder do amor que lhes é por nós dedicado.

I – APRESENTAÇÃO

Dou início à minha palestra, honrado com a distinção, mas, tomado de emoção, consciente de que estamos diante um paradoxo: de um lado - a douta assembléia de mestres; de outro lado - o empresário guindado à condição de conferencista e que é, ainda, um discípulo que, nesta quadra adiantada da existência, defronta o umbral da Universidade.

Todavia, desde que o convite foi proposto ao "Empresário sem Curso Superior", achei de aceitá-lo. Praza a Deus eu possa oferecer, dentro das minhas limitações, alguma contribuição a este magnífico Seminário.

Permitam-me os ilustres educadores prestar-lhes, nesta oportunidade, homenagem de respeito e simpatia, para assegurar-lhes que o trabalho do professor é, para mim, superior a quaisquer outros. Porque todo o elenco social, abrangendo as mais diversificadas atividades ou metas humanas, é dependente da cátedra e do livro.

Não há dúvida de que se encontra na área educacional o enraizamento de todas as graves questões dos países em estágios de desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Se a "grandeza de um país se faz com homens e livros", aqui estou para o encontro do comerciante com o livro. Não trago a toga conferencista nem a palavra fluente do mestre, porque venho buscar os reflexos desta estrela radiante que é a Escola. Penetro no santuário da Academia e misturo-me à sabedoria dos filósofos. Venho receber mais do que posso dar.

II – FATOS DAS ÚLTIMAS DÉCADAS

A primeira questão proposta, para que sejam identificadas "as mudanças mais relevantes ocorridas nas últimas décadas", delineamos um quadro fantástico à nossa frente.

De lá para cá, nesses trinta anos de completa reviravolta nas Ciências, nas Artes, na Tecnologia, no Comércio, no Ensino, na Religião, nos Costumes, a Humanidade vem sendo fustigada por mudanças extraordinárias, que chegam, muitas vezes, aos esplendores de o homem pisar as ruas luminosas da Lua, mas, que, outras vezes, aniquila e oprime, como as nuvens da poluição das cidades; ou as extravagâncias das pílulas e das drogas; ou a licenciosidade e o desrespeito, conspurcando até o recesso dos lares... Estes os trágicos ônus do progresso, para não citar os terríveis engenhos bélicos, armazenados preciosamente, e que podem destruir toda a Terra, a um simples acionamento de um botão!

A propósito, ocorre-me grave advertência do imortal Presidente Kennedy:

"Todos os habitantes deste planeta devem hoje encarar a possibilidade de que este planeta não seja mais habitável algum dia. Todos os homens, mulheres e crianças vivem sob uma espada de Dâmocles nuclear, suspensa pelo mais frágil dos fios, capaz de ser cortado a qualquer momento por acidente, erro de cálculo ou loucura. As armas de guerra têm de ser suprimidas antes que nos suprimam".

Em 46 o mundo acabara de sair da tragédia da 2ª Grande Guerra. As cidades e os campos estavam empapados de sangue e embebiados de lágrimas.

Os guerreiros regressavam às suas casas e começavam o trabalho de recuperação. Reabriam-se os escritórios, as escolas, os laboratórios, as fábricas, para a gigantesca obra de reconstrução.

E como foram estupendas as conquistas de após-guerra! Como que o próprio DEUS teve piedade dos homens e deu-lhes, outra vez, na sua misericórdia, a capacidade de continuarem criando, investigando, inventando. A sua inteligência deu, então, à humanidade, emergente da catástrofe, um acervo fabuloso de benefícios.

Destacando-se a Aviação, vamos encontrá-la servindo aos povos nos mais diferentes setores. Penetra as regiões polares e

tropicais; contribui para as investigações arqueológicas; ajuda à agricultura (no combate aos parasitas e aos processos da sementeira); passa a fortificar as frotas de defesa das nações; e, em resumo, vem estreitar as comunicações e colocar os povos a curtas distâncias.

Ao lado desses poderosos aparelhos que riscam os espaços continentais, subiram os foguetes, os satélites e os complicados engenhos dos astronautas - "Apolos" da Lua e "Vikings" de Marte.

Dos laboratórios saíram as maravilhas do mundo moderno.

A Medicina já pode lançar mão de uma infinidade de aparelhos para diagnosticar a doença. O facultativo não tem que adivinhar, como no passado. Pode agir com mais segurança, diante o admirável progresso dos instrumentos de que dispõe, ao que se acrescentam novos métodos e medicamentos. Ressalte-se, por exemplo, o advento providencial da penicilina, da terramicina, dos antibióticos, das vacinas e, bem assim, a era desafiante dos transplantes!

A Agricultura assinalou novos processos de exploração da terra e do plantio, compreendendo a rotação das colheitas, a seleção das sementes, o controle das epidemias, cultivos experimentais e sistema racional de produção.

No Comércio, propriamente dito, recebemos contribuições valiosíssimas, que vão desde a reestruturação das leis trabalhistas e fiscais aos métodos de trabalho, de publicidade e de vendas. A máquina também entrou pela porta do comerciante, para o aperfeiçoamento e segurança dos serviços, chegando à notoriedade e à eficácia indiscutível do computador.

A par dessas inovações, as empresas são hoje mais bem organizadas, têm o concurso de profissionais mais capacitados, serviços descentralizados, variedade crescente de artigos, assistência e amparo público e do sistema bancário. O comerciante alcançou prosperidade, não ficando a circulação das riquezas, como antigamente, adstrita à atividade agropastoril. Disseminaram os estabelecimentos e o comércio e o comerciante, como a indústria e o industrial, são peças fundamentais da balança econômico-financeira e social-política da Nação!

Nos meios de Comunicações são notáveis os empreendimentos. Um número espantoso de publicações abarrota livrarias e bancas de todo o mundo. Abordam todos os assuntos e conhecimentos, chegando aos disparates do terror, das aventuras, dos crimes e das aberrações do sexo, com gravíssimas influências na formação do caráter da criança e do adolescente.

O rádio, com a importação injustificável de música estrangeira e, acentuatadamente, a norte-americana, cedeu lugar à televisão, ainda que continue a ser o maior veículo de divulgação, através de seus transistores, que chegam até à mais rústica choupana do caboclo brasileiro.

A televisão tornou-se a maior concorrente do cinema, com programações de alto nível, exibindo o futebol e o samba, os filmes e as novelas multicoloridos, que são pratos do melhor paladar das donas-de-casa e de toda a família:

Aqui me detenho (com "vistas" aos educadores) para censurar a linguagem descuidada das novelas. Há erros palmares de concordância e de tratamento nos diálogos dos personagens. Por isso, tomo a liberdade de indagar dos professores: não estaria esse conteúdo de mau português e de conversação doméstica das novelas prejudicando o ensino e levando vexames aos elevados foros de nossa cultura?

Voltando a anunciar o progresso mundial, poderia falar do Ensino, porém, como toda a evolução científica depende do mesmo, tacitamente toda a evolução que chegou até nós foi fruto da aprendizagem, do estudo e da pesquisa. Voltarei a falar sobre o ensino nos capítulos finais desta palestra.

Passando à Música, observamos que surgiram mais compositores do que músicos e muito mais cantores do que músicas. Todo mundo compõe. Todo mundo canta. Uma inversão do passado. Uma verdadeira avalanche de arremedos musicais. Desapareceram os grandes mestres, os gênios, para dar lugar a artesãos de músicas. Eclipsaram-se o romantismo, a doce música, as serenatas das noites que não voltam mais... Guitarras e caixas eletrônicas a emitirem sons infernais, em lugar de violinos e flautas dulcíssimas como o correr da fonte ou o canto do canário... Essa quase dantesca alegria musical tem sido, quem sabe, uma das grandes bruxas responsáveis pelo enfeitiçamento da nossa juventude.

Chego, a esta altura, à Igreja, para tecer considerações sobre o progresso da Religião.

Não tenho autoridade para dizer que tenham havido mudanças. Mas, pelo menos, a Igreja Católica, a qual pertencço, sofreu alterações em sua liturgia, a começar pela abolição do Latim e a participação dos fiéis em seus sacramentos. Mudanças para melhor.

Houve uma expansão apreciável das religiões orientais para o Ocidente. E não se pode negar que o número de adeptos das seitas hindus e japonesas cresce consideravelmente, no Brasil e em outros países.

Por outro lado, os ramos luteranos, kárdécistas e mesmo umbandistas se alastraram por toda parte, com as criaturas dos quatro cantos da terra manifestando sede de graças e de bem-aventuranças.

Toda essa evolução das Ciências, das Artes, da Tecnologia e das Religiões teve um efeito profundo na mente popular. A imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, os meios de transporte, a escola, põem as pessoas em contato direto com o Universo. Deste modo, o público adquire uma noção mais exata do que os cientistas e os técnicos estão realizando nos laboratórios e, entendendo melhor a maneira como estes trabalham, tem mais fé na inteligência e no poder do homem para dirigir o curso de sua própria vida.

Deixando o progresso volumoso das ciências e da tecnologia, que nos dá, a todos nós, nas ruas, nas viagens, nos locais de diversão, nas escolas, nos hospitais, nas repartições, nos lares e, finalmente, onde quer que estejamos, o máximo de conforto, de assistência e de bem-estar, vamos abordar, por último, um outro setor: a evolução dos Costumes.

Sem me preocupar com dados estatísticos e fontes superiores de consultas, vou tentar projetar o problema como o vejo nos dias em que vivemos.

Os costumes experimentaram, também, nessas últimas décadas, mudanças as mais variadas. A sociedade ganhou melhores e mais requintados meios de vida. Os lares receberam adornos maravilhosos, revestidos de pomposidade palaciana, com guirlandas de luzes, flores, cores e músicas sofisticadas...As pessoas ficaram mais evoluídas no seu comportamento social. A mulher, notadamente, explodiu uma revolução nos seus costumes sociais, chegando às promoções exageradas dos congressos feministas, reivindicando independência, como se pudessem viver sem o homem. Na sua vaidade, o nosso anjo tutelar se esqueceu de que nós ambos, homem e mulher, somos células intrínsecas do mesmo órgão e asas do mesmo pássaro...

Aí ficou, ilustres assistentes, o painel das minhas observações dos fatos marcantes das derradeiras décadas.

No entanto, pergunta-se:

O progresso, que trouxe maior conforto para se estar, descansar, comer e dormir no lar, teria mantido o sentimento cristão que aureolava a família em outros tempos?

O progresso teria trazido mais alegria às famílias, partindo-se do princípio de que alegria em família só se completa com a união de pais e filhos?

O progresso dos tempos modernos manteve o costume secular de reciprocidade da obediência e do respeito, da admiração e do entendimento, que sempre houve entre os componentes da família?

Procedendo a uma análise global das indagações que acabo de formular, eu respondo:

Sim e não. Porque, em verdade, existe um desajustamento imenso na sociedade em que vivemos. Partiram contingentes da juventude em demanda de opções as mais extravagantes e diabólicas, através os caminhos sinuosos da contestação.

Contestam e condenam os jovens, milhares, milhões deles, por toda parte da terra. Mas, contestam e condenam o quê? Eles mesmos nem sabem ao certo. O negócio é contestar, é repudiar, é ridicularizar até os próprios pais.

Estão aí os desatinos dos entorpecentes, o inferno das drogas, cavando sepulturas e abrindo cárceres, engolfando a fina flor de nossa querida e pobre juventude!

Diante essa situação tormentosa, que leva sobressaltos às famílias do mundo inteiro, as criaturas sensatas voltam os olhos para DEUS, à espera de Sua Misericórdia. E, no seu deserto de angústias e de pavor, voltam os olhos em seu derredor, e encontram o saudável refrigerio no oásis da Escola.

Sim, está na palavra do professor e nas salas de aulas, e não na sentença do juiz ou na pá do coveiro, a salvação da juventude irrequieta. Porque os transviados são minorias. E há meios suasórios e processos eficazes para se reconduzir e recuperar as ovelhas desgarradas.

Não se pode conceber que a sociedade continue vivendo nessa guerra fria, onde os desajustados, o desquite, o divórcio, a precariedade da autoridade paterna, a insolência dos filhos, a deformação dos costumes pululam como espectros de uma dança macabra numa noite sem fim de assombrações temerosas...

Para que todas as maravilhas do progresso dos tempos modernos sejam, a um só tempo, materiais e sentimentais, corpóreas e efetivas, conduzindo a criatura humana às delícias da felicidade prometida, urge a deflagração de uma revolução de costumes, de uma reestruturação social, do desarmamento de espíritos e da transigência de desejos e atitudes. Mas, indaga-se aflitiva e desesperadamente: onde o homem irá encontrar tudo isto?

A resposta, penso eu, não é difícil. Bastaria que a humanidade acorresse a dois lugares: à Igreja e à Escola! E ouvisse a dois arautos: CRISTO e o LIVRO!

Somente assim, não estaríamos incorrendo nas previsões científicas, de que "a população da terra atingiu o máximo e a tendência é para o declínio e que, talvez, a conquista da natureza pelo homem venha a ser uma coisa estéril".

Na minha convicção, sem bolas de cristal, ainda que pese sobre estes tempos a revelação sombria do Apocalipse, acho que atingiremos o estágio de uma vida melhor e plena de gozos.

Tenho, sobretudo, uma grande esperança e uma fé inquebrantável nos moços. Penso que haverá o retorno e o fim das atribulações, com os moços marcando sua presença olímpica na condução dos destinos das gerações.

Faço minhas, neste instante, as palavras do eminente mestre Rui Barbosa, quando, já encanecido, falava aos estudantes da Bahia:

"Eu amo a mocidade na plenitude da sua pureza, como o firmamento na plenitude do seu azul. Dizem que o "ateniense laborioso e livre só se corrompia na idade madura". O ser moço "valia uma casa cheia de ouro": não se trocaria por "todas as riquezas asiáticas".

E é com essa mocidade, entusiástica e enfeitada, com esse soberbo batalhão sagrado que Péricles criou sua Atenas, "expansão magnífica de poder, moderação e vontade".

III – DAQUI HÁ DEZ ANOS

Abordando a 2ª questão, para discorrer sobre a visualização de um horizonte de dez anos à frente, a resposta é deveras delicada.

O mundo caminha a galope. O homem deixou a Terra, hospedou-se na Lua e acaba de estacionar a sua nave sem piloto na plataforma de Marte. Amanhã, onde estará?

Mergulha nos abismos dos oceanos, escava os confins da terra, rasga os céus, retalha o seu próprio corpo, substitui o seu coração e já quer esmiuçar os labirintos do cérebro!... Daqui há pouco, quem sabe!, o homem descobrirá um jeito de viver quantos anos viveu Matusalém...

Arriscamos em dizer que, dentre as coisas extraordinárias que estão por acontecer, provavelmente milhões de criaturas perecerão sob terremotos, maremotos, epidemias, em guerras e pela fome.

Se não houver uma limitação oficial da natalidade, ou melhor, um controle demográfico, a exemplo dos países mais adiantados, seremos muitos e muitos bilhões, o que irá provocar a fome e a morte de parcela considerável da civilização.

Sabe-se que os governos das grandes e pequenas potências estão assoberbados de encargos, providenciando, os primeiros, a juntar e empilhar mais, com o sacrifício dos segundos; estes, por sua vez, lutando por sua independência, numa luta desigual como a do gigante e do pigmeu...

O Brasil, graças a DEUS, encontra-se numa situação privilegiada. "Gigante pela própria Natureza," conduzido por governos de autoridade, de segurança, de trabalho, de liberdade e de paz, o nosso país acaba de sair de sua 1.^a década revolucionária. Mas, revolução sem armas e sem sangue, porque de redemocratização, de mudanças de propósitos e processos político-administrativos, de trabalho milagroso, prodigioso, fecundo, para maior bem-estar dos brasileiros e a mais alentadora repercussão internacional.

Por tudo isto visualizamos um horizonte aurífero para o nosso país, daqui há dez anos. Haverá, sim, comunhão de sentimentos, elevação de espíritos, força gigantesca no trabalho, esperança e fé no futuro, porque, acima de tudo, "DEUS é brasileiro..."

Num prognóstico superficial, desde que não temos autoridade bastante para um pronunciamento mais amplo, achamos que a Humanidade terá benefícios sem conta com a exploração da energia nuclear, se canalizada para o Bem. A propósito, para se ter uma idéia do que essa área representará para o Brasil, sabe-se que o Governo prevê a formação de cerca de dez mil técnicos, que irão revolucionar os métodos de desenvolvimento técnico-científico, inclusive da Agricultura.

Outros fatores que agitarão o mundo nos próximos anos: a adoção do Hidrogênio, chamado pelos cientistas de "combustível do futuro"; o aproveitamento das reservas da Botânica, pois, das 350 mil variedades de plantas conhecidas, pouco mais de mil são utilizadas na alimentação. Daí, quem sabe!, a Humanidade terá solucionado o problema da fome, comendo, inclusive, o capim!

Estamos caminhando num mundo apressado. O homem não pára mais para pensar e descansar. É a era da máquina, do computador, dos transplantes e das viagens interplanetárias. Mas, tristemente, é, também, a era da ausência de líderes. Há, sem dúvida, os bons e os capazes, em tudo e em todas as atividades. Não obstante, sente-se, não se pode negar, a grande ausência dos predestinados condutores de gerações, como o foram Roosevelt, Kennedy, Churchill, Ghandi e tantos outros. E dos gênios - Mozart, Chopin, Beethoven, Rui e o nosso inconfundível Pelé.

Feneceu, ainda ontem, a flor dos gênios.

Para mim, só ficaram dois líderes: um, não fala, é mudo: o LIVRO. O outro é o MESTRE (JESUS CRISTO), cuja voz atravessa vinte séculos e se fará ouvir até o fim dos tempos!...

IV – O EMPRESÁRIO E O ENSINO

Detenho-me, agora, nas questões propostas, de números 3 e 4, achando-as de natureza intrinsecamente pedagógicas, distintas, por assim dizer, de meus modestos conhecimentos.

Como a 3.^a questão propõe a análise do ensino de 1.^o grau e as perspectivas de alcance aos níveis subseqüentes, procurei discorrer sobre o meu caso específico, que é abrangente a outros empresários que, como eu, puderam realizar alguma coisa, embora com relativa instrução escolar.

Justo em 46 deixávamos a pequena cidade do interior mineiro - São Gotardo - e aportávamos à capital do Estado - a bonita Belo Horizonte. Trazíamos, na bagagem leve, apenas a profissão de alfaiate e o curso primário. É que o interior, naqueles tempos, não possuía colégios. Poucas cidades tinham essa primazia, acrescentando-se o fato de que só os ricos podiam estudar. Ademais, o trabalho para os moços consistia na aprendizagem dos ofícios de seleiro, sapateiro, alfaiate e quase só. A vida era "mansa" e o nosso mundo era pequeno.

Convocado para o Exército, fui dispensado, por excesso de contingente. Acabei por ver a cidade grande, gostei e resolvi ficar. Fiz um balanço das opções que o interior oferecia e das vantagens da metrópole. Abri a minha humilde oficina de trabalho, sem capital e sem ajuda, mas, tomado de otimismo, de coragem, de fé e esperança.

Assim aconteceu. Assistindo o emergir da Civilização, ano após ano, reconstruindo, reedificando, arando, semeando, colhendo, criando e inventando, sentia eu, dentro de mim, o formigamento para realizar algo diferente.

Sentia que viria a progredir. Tinha confiança e consciência dos meus propósitos. Em toda a minha vida fui um homem otimista, que sempre procurei pesar e medir as minhas aspirações e jamais descambei para as veredas do derrotismo.

Passada a década 46/56, quando já se configuravam exuberantes as conquistas posteriores ao pesadelo nazista, o Bra-

sil, como as demais nações, se engalinhava nos bastidores políticos internos. Surge, então, a figura desassombrosa de um filho das Gerais, para mudar a curva da história da Nação. Exatamente a 18 de abril de 56, na cidade goiana de Anápolis, o Presidente Juscelino decretava a mudança do Distrito Federal.

O cerrado agreste começa a ser desmatado. Povoam-se o Planalto Central. Desponta cheia de esplendor e beleza-BRASILIA - a Capital da República!

Verdadeira epopéia marcou a construção desta cidade. Todos conhecemos o heroísmo, a coragem, o trabalho hercúleo dos candangos e dos forasteiros que aqui vieram em busca de um Novo Eldorado.

Em 58, atingido pela "tentação" de Brasília, deixei Belo Horizonte e vim para a "Cidade Livre". Ali abri uma porta de comércio. Comecei com um punhado de artigos plásticos, que seriam o ramo definitivo de minhas principais atividades empresariais até hoje.

O tempo foi passando. Brasília crescendo, inaugurada, crescendo mais, até chegar a este esplendor arquitetônico, a esta beleza urbanística, que encanta e empolga, diferente de todas as cidades do globo.

Os senhores professores não calculam as dificuldades que nós, comerciantes, enfrentamos. Em todos esses anos foi grande a nossa luta. Faltava quase tudo ao empresário da Brasília nascente, desde as instalações básicas até à mão-de-obra qualificada, a assistência financeira, fiscal, contábil, etc.

Hoje, acho que prosperei, devido à visão, ao que se chama de "tino comercial" e, sobretudo, à honestidade e à fé no meu trabalho. Olhando a minha posição, como homem de empresa e bem situado na sociedade, eu posso dar um testemunho solene de que o empresário, no mundo avançado de hoje, precisa aparelhar-se, cada vez mais, para essa situação evolutiva.

Ainda somos milhares, dispersos pela imensidão deste país, carentes até mesmo de instrução primária. Daí, os reflexos negativos na produção, na mercantilização, nos investimentos para o aproveitamento e exploração mais profunda das riquezas, gerando distorções comerciais e industriais e culminando em vultosos prejuízos da própria economia nacional.

A nossa classe representa um dos mais importantes veículos de canalização da estabilidade e da grandeza da Pátria. Estamos presentes nas grandes e pequenas cidades, nas vilas e povoados, nas estradas e nos campos, lutando pelo pão de cada dia, mas, também, procurando ajudar o país. E somente poderemos produzir e ajudar mais se melhorarmos os nossos conhecimentos, aprendendo, instruindo-nos, para que os mercados se abasteçam em quantidade e qualidade de produtos e, sobretudo, para que o provinciano empresário ou o simples comerciante brasileiro tenha posição socio-econômica mais condigna.

Hoje, por exemplo, aos 50 anos, estou à sombra da Universidade. Poderia, no entanto, já estar fora dela há 25 anos atrás. Por isso, encareço aos professores da grande necessidade de se buscar e conseguir os meios de se ensinar e dirigir o aluno, criança, jovem ou adulto, no caminho certo, isto é, procurando formar o Médico sem o acúmulo de tarefas custosas de Desenho ou de Administração; o Advogado ou o Contador, sem muita Biologia ou Física; o Agrônomo, com mais lições do cultivo da terra e sem muita Literatura... E assim por diante...

Nós, comerciantes ou empresários, somos um exemplo clássico. A grande maioria da classe prospera, se enriquece e ganha posições socio-econômicas invejáveis. Mas, muitos de nós, ou por ambição, ou por displicência, ou por ignorância, nos omitimos e deixamos de prestar a nossa contribuição aos processos sócio-políticos do país!

Urge, destarte, formar-se uma mentalidade empresarial dentro do consenso escolar. Não se ensina somente aos pequenos. Os grandes, também, têm sede do saber.

V - O ENSINO DAQUI A DEZ ANOS

Chegando, agora, à 4ª e última questão, que, inclusive, pede a ênfase de aspectos do ensino no mundo de aqui a dez anos, entendo que algo precisa ser modificado e introduzido nos currículos escolares. O convencionalismo, a tradição, os métodos empíricos devem sofrer mudanças. Estamos num universo de mutações constantes e a Escola também é passível de evolução.

Muitos podem chegar à Universidade, mas, milhares ficam no meio do caminho. Para estes, portanto, o ensino tem que oferecer maiores cabedais de aprendizagem e ferramentas mais bem esmerilhadas para o seu trabalho. Os primeiros receberão os diplomas profissionais, que são os autênticos "13 pontos da sorte". Os últimos ficarão sem títulos, sofrendo o "castigo" da menor competência para o trabalho.

Sabendo-se que os critérios discutíveis da entrada na Universidade não podem premiar a todos, mesmo aos que atingem colocações dignas, é óbvio que se deverá encontrar uma fórmula de se contemplar os não eleitos da computação.

Arrisco-me, assim, a fazer uma avaliação do ensino, dentro da minha capacidade de leigo, para afirmar que alguns ramos poderão ser podados, bem como novas sementes deverão ser plantadas, para que frutifique abundantemente a seara escolar.

O aluno que vai do primário ao ginásial, hoje denominado "1º grau", precisa chegar também vitorioso ao fim dessa jornada. E capaz de vencer na vida, sem as comendas universitárias.

Destarte, o ensino de 1º grau precisa, em síntese, enquadrar-se dentro da realidade do mundo atual, adotando mais a prática do que a teoria, através do ensino dirigido e vocacional.

Veja-se, por exemplo, este fato incontestável: a quase totalidade dos estudantes que estão chegando ao fim do 2º ciclo, às portas do Vestibular, não sabem, ainda, suas verdadeiras opções. Pergunta-se ao formando o que ele vai seguir e a res-

posta é sempre duvidosa.

Assim, ao 1º Ciclo caberá encaminhar, orientar e descobrir a vocação do estudante. Para tanto, penso eu, é preciso proscruer determinados fatores e criando outros nessa fase escolar.

O que acontece, entretanto, é que todos os concluintes do 2º Ciclo chegam ao final com as mesmas armas para a guerra do Vestibular. Candidatos a médicos, engenheiros, dentistas, advogados, geólogos, economistas, contadores, professores, apresentam-se com o mesmo diploma, com igual grau de escolaridade. Ora, não seria mais lógico que cada qual viesse com sua couraça própria, como fazem os atletas olímpicos?

Há necessidade de se modificar o Ensino.

Pode parecer até futilidade, todavia, entendo, em sã consciência, de que, no 1º Ciclo, se deveriam incluir o ensino de datilografia, noções de comércio, de eletricidade prática, mais educação física, música e canto, pequenos socorros, noções de Direito, de trânsito, de agricultura, etc.

O aluno, após oito anos, diploma-se e não sabe "bater máquina", nem preencher um cheque, nem prestar um pequeno socorro, nem ir a uma repartição pública. Não sabe o que é um Juiz (de futebol, ele sabe!) ou que é terra de campo ou de cultura. Estuda literatura, sabe de cor centenas de nomes e escritores e um sem fim de regras gramaticais, nomes de figurões do Império e da República. Mas, não sabe redigir um requerimento, um telegrama ou um mero cartão de aniversário...

A Redação, constante, indispensável, é necessária. Redação todo dia, de Geografia, de História, de Português, porque o moço que redige bem, que sabe conversar, que sabe "bater máquina", que faz contas, já tem grandes possibilidades de vencer e de arranjar bons empregos, principalmente no comércio.

Se não puder ir à Universidade, não estará, pelo menos, "à toa na vida": é um jovem capaz e terá o seu lugar na sociedade.

O estudante precisa ser despertado, como em outros tempos, para o processo político do país. Conhecer o funcionamento da Democracia, o que é Vereador, Prefeito, Deputado, Senador, Governador, etc.

Outra coisa — o ensino bíblico, não o especificamente religioso, mas, o bíblico mesmo, deveria ser adotado, saindo-se do tradicionalismo ultrapassado das "Ave-Marias", para se conhecer a Criação e o Criador.

Existe um setor bastante difundido e que carece da presença urgente do professor: o da propaganda comercial. Estão por aí milhares de cartazes, boletins, placas, anúncios de jornais, com aleijões arrepiantes de português.

Assim como se exige o farmacêutico na Farmácia, o Contador para assinar os Balanços ou o Engenheiro para projetar o edifício, deveria exigir-se o professor no jornal, na televisão, no rádio, na gráfica, etc., para revisar e ordenar a linguagem solta e escandalosa da publicidade. Porque toda criança lê, ouve e até canta as quadrinhas ou os dísticos publicitários, e vai gravando uma porção de disparates lingüísticos em seu vocabulário. Nas pequenas localidades, então, há uma verdadeira orgia de placas, que fazem tremer nos túmulos os nossos queridos puristas da bela Língua Portuguesa.

Ficam aqui as minhas despreziosas observações.

VI — ENCERRAMENTO

Chego, a esta altura, ao final de minha palestra. Repito o que disse de princípio: praza a DEUS eu possa ter oferecido alguma contribuição a este magnífico Seminário.

Todos buscamos o melhor no nosso trabalho. Mas, só os corajosos, os que têm fé e os bons não ficam no meio do caminho, porque chegarão ao fim da Grande Jornada.

Devemos plantar árvores, muitas árvores, para que os nossos filhos e netos tenham bons frutos e descansem à sua sombra.

Agradecido e orgulhoso de participar desta Assembléia de Professores, termino formulando votos para que continuem levando o ensino às crianças e aos jovens de nossa querida Brasília e do Brasil, preparando-os para assumirem os postos de comando da Nação.

Felicito-os, com o calor de um brasileiro que tem fé no seu país e que acredita no seu desenvolvimento, na sua grandeza, na sua consolidação política plena, num convívio de muitas alegrias, de amor e de paz.

FIM

INDICADORES:

- a) A INFLUÊNCIA DAS ASPIRAÇÕES DE UMA SOCIEDADE EM EVOLUÇÃO SOBRE OS OBJETIVOS EDUCACIONAIS
- b) A NECESSIDADE DE SE TRAÇAR UM PERFIL DO CONCLUINTE DO 1º GRAU FACE A CONJUNTURA SOCIOLOGICA REAL
- c) A NECESSIDADE DE SE ESTABELECEER UMA POLÍTICA DE ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS

OBJETIVO DO SEMINÁRIO:

CONHECER A VISÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DE ESPECIALISTAS EM DIFERENTES ÁREAS, DAS QUAIS A "ADMINISTRAÇÃO" FOI UMA DAS SELECIONADAS.

I – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Para desenvolvimento do tema que me propus a discorrer, quero de início levantar algumas premissas e estabelecer algumas diferenciações básicas, que servirão de suporte às conclusões a que pretendo chegar.

Sem dúvida nenhuma, considero que “A SOCIEDADE DE QUALQUER PAÍS DESENVOLVIDO TORNOU-SE UMA SOCIEDADE DE INSTITUIÇÕES. DO DESEMPENHO DESSAS INSTITUIÇÕES DEPENDE CADA VEZ MAIS O FUNCIONAMENTO DA SOCIEDADE MODERNA, SE NÃO DE SUA PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA”.

Isto quer dizer que, cada vez e mais, o cidadão integrante de uma sociedade desenvolvida utiliza instituições para as suas relações e estas, para serem úteis aos cidadãos, devem funcionar adequadamente.

Quero também atentar, de início, para o fato de que a “ADMINISTRAÇÃO” é a ciência ou a prática que deve se responsabilizar pelo adequado funcionamento das instituições.

Esta é uma premissa em torno da qual será desenvolvido o tema desta palestra.

Ainda para fins de desenvolvimento desta palestra, gostaria de diferenciar duas palavras, não na tentativa de defini-las, mas simplesmente com a intenção de facilitar a compreensão daquilo que a seguir passaremos a discorrer. Estas duas palavras são, GERÊNCIA E ADMINISTRAÇÃO.

GERÊNCIA é o exercício do comando para execução de uma tarefa específica.

ADMINISTRAÇÃO é o exercício de **COORDENAÇÃO** sobre uma gama de tarefas diferenciadas, concorrentes, direta ou indiretamente, para o alcance da finalidade substantiva — essencial — de uma instituição.

A partir da aceitação, para fins de base expositiva, das preliminares mencionadas e dos indicadores e objetivos considerados, passemos à análise substancial, central, do assunto desta palestra.

II – A INFLUÊNCIA DAS ASPIRAÇÕES DE UMA SOCIEDADE EM EVOLUÇÃO SOBRE A ADMINISTRAÇÃO E SOBRE OS OBJETIVOS EDUCACIONAIS

Sem dúvida alguma, acredito que a educação é uma instrumentação para a vida em sociedade. Da forma em que ela venha a ser compreendida depende o produto que as escolas alimentam as sociedades nos seus diversos campos de atividade. Se bem compreendida pela escola, as aspirações das sociedades serão atendidas, criando-se um clima de satisfação e realização por parte das pessoas que a integram, tanto recebendo seus benefícios como prestando serviços. Se mal compreendida em suas aspirações, haverá um permanente confronto entre esta sociedade e os produtos escolares, isto é, os profissionais que a educação criou.

Dentre as variadas profissões que o mundo moderno exige para um harmonioso funcionamento das sociedades, a “ADMINISTRAÇÃO” surge como uma das mais importantes.

Analisemos, pois, como o estudo e a prática da ADMINISTRAÇÃO vem ocorrendo e como ocorrerá nos anos futuros, face as aspirações das sociedades.

II a – A GERAÇÃO DE 1900 E A ADMINISTRAÇÃO

Nos primórdios do presente século, as relações sociais se realizavam no mundo dos negócios em áreas relativamente

pequenas, em grupos sociais relativamente pouco numerosos e eram claramente definidas.

Influenciadas por este tipo de comportamento social, as "instituições", se assim pudermos chamar os pequenos "negócios" da época, tinham sua origem e funcionamento baseados no núcleo da estrutura familiar. "As instituições" eram de pequeno porte, geravam um só produto para uma só clientela e um só ambiente social, que raramente ultrapassava os limites geográficos de um "bairro".

Estas "instituições" tinham um compromisso social pequeno e o seu desaparecimento causava um impacto de pouca monta.

Para que essas "instituições" alcançassem êxitos, era necessário que o seu proprietário comandasse os negócios, dando ordens (geralmente o chefe da família) aos seus demais integrantes (geralmente membros da família).

Praticava-se, para que a instituição alcançasse seus objetivos, o exercício puro e simples da gerência, isto é, da capacidade do "comandante" dar ordens claras.

Nos primórdios do século, se fôssemos fazer um corte no tempo para definir o perfil de um homem de negócios, poderíamos dizer que ele deveria ter:

a) CONHECIMENTO DA FORMA DE ELABORAR O SEU PRODUTO

b) TER HABILIDADE PARA DAR ORDENS CLARAS, BASEADAS NO CONHECIMENTO DO SEU NEGÓCIO.

Isto perdurou alguns anos e, digno de menção, antes da primeira década deste século só existiam dois negócios que realmente poderiam ser chamados de instituições de porte, ou sejam, a estrada de ferro transcontinental, na América do Norte, e no continente europeu, o primeiro "banco Universal".

A partir de 1911 começaram a surgir as GRANDES INSTITUIÇÕES, logicamente por necessidades das sociedades que começaram a ter novas aspirações. Uma das primeiras a surgir foi a "STANDARD OIL" que vinha crescendo por "apelos" da comunidade onde ela se localizava.

Até 1914 poucas eram as grandes instituições em todos os ramos da atividade humana e, por exemplo, no campo educacional não havia uma só universidade com mais de seis mil alunos.

O mundo começou a andar mais ligeiro, e com a deflagração do primeiro conflito mundial, as pequenas instituições começaram a se reunir, a se fundir, para ter capacidade de atender às demandas. Este crescimento começou a exigir dos "donos dos negócios" mais do que "GERÊNCIA PURA" que se fazia insuficiente. Esta "GERÊNCIA" (comando para execução de uma tarefa específica) foi cedendo lugar e os "donos das empresas" que cresciam, tais como ROCKFELLER, MORGAN, FORD e outros, foram deixando que seus nomes, enquanto responsáveis pelo alcance dos objetivos das instituições, cedessem lugar à impessoalidade gerencial. As instituições começaram a ser conhecidas como a produtora de determinado bem e não pelo nome de seus proprietários.

Começava uma nova era no mundo dos negócios; findava a gestão individualizada que cedia seu lugar à ADMINISTRAÇÃO, isto é, à necessidade de que as instituições passassem a utilizar outras habilidades para que tivessem sucesso.

Era preciso conhecer mais que as formas de execução das tarefas e de comandar pessoas.

As aspirações sociais passavam a influenciar de tal modo as instituições que essas se viram obrigadas a incluir na prática, em seus negócios, os conhecimentos relacionados com a ECONOMIA, com a CONTABILIDADE, com o "MARKETING", com o DIREITO, etc., além do comando e do cumprimento das tarefas substantivas das instituições. Essas habilidades passaram a ser desempenhadas, porém aos poucos começaram a assumir um papel finalístico nas instituições, um papel sob todos os pontos indesejável. Assumiam um papel de liderança substituindo os fins das instituições.

O conhecimento especializado, desejável e indispensável começou a deixar de ser endereçado às finalidades das instituições e isto criou grandes lacunas no seu funcionamento. Empresas prósperas e de sólida posição financeira e plena aceitação social viam-se de tal forma envolvidas pela burocracia (preponderância dos meios sobre os fins) que chegaram quase à insolvência, como se pode citar a Rolls Royce e Lockheed.

Antes dessas situações que ocorreram até a década de 1950/60, se déssemos um corte no tempo e fôssemos verificar quais deveriam ser os requisitos ou o perfil de um Administrador, diríamos que as escolas compreenderiam que era necessário que este profissional conhecesse, especializada e isoladamente:

- MARKETING
- ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL
- ADMINISTRAÇÃO DE MATERIAL
- PSICOLOGIA
- CONTABILIDADE
- ORGANIZAÇÃO e
- OUTRAS TÉCNICAS ESPECÍFICAS DE ADMINISTRAÇÃO.

Após a década de 1950/60 várias pessoas passaram a estudar a Administração e suas conseqüências nas empresas e perceberam que o que se vinha obtendo com a aplicação das habilidades mencionadas eram grupos isolados, não concorrentes para

finalidade das instituições, isto é, para os anseios das sociedades.

A aplicação das técnicas de marketing, contabilidade, finanças, organização, processamento de dados, etc., levavam as entidades a ser realmente EFICIENTES, mas não EFICAZES.

Aos poucos estes estudiosos e analistas administrativos sentiram que a ADMINISTRAÇÃO não consistia em conhecer os seus instrumentos, as suas técnicas e praticá-las. Era necessário que elas fossem COORDENADAS, concorrentes auxiliares para os fins das instituições e para os anseios comunitários.

Adicionou-se, assim, a necessidade da prática da COORDENAÇÃO, da DECISÃO, do PLANEJAMENTO e de um melhor conhecimento das aspirações sociais às habilidades de um ADMINISTRADOR como fator indispensável ao sucesso das organizações.

O dirigente deve dominar estes tipos de conhecimento para ser um ADMINISTRADOR, isto é, para fazer com que as instituições tenham um desempenho compatível com os anseios das sociedades modernas.

A sociedade na qual vivemos se transformará (e já está se transformando) em uma sociedade de instituições.

Do desempenho dessas instituições dependerá o funcionamento da sociedade brasileira futura que dentro em pouco se transformará em uma sociedade de país desenvolvido.

A ADMINISTRAÇÃO ou a seus agentes, os ADMINISTRADORES, incumbirá fazer com que essas instituições funcionem adequadamente, mas para fazê-lo é necessário que ele, o ADMINISTRADOR, conheça muito menos as técnicas instrumentais da administração, como finanças, contabilidade, organização, marketing, administração de pessoal, administração de material, etc., e muito mais que tenha conhecimentos que lhe propiciem:

- a) identificar as aspirações da sociedade à qual sua instituição se vincula;
- b) conhecer o futuro desta sociedade e preparar-se para adequar a instituição que ADMINISTRA a esta sociedade;
- c) coordenar os meios e os fins da instituição, de modo que os primeiros concorram para os segundos (meios para os fins);
- d) ter capacidade decisória;
- e) ter capacidade planejadora.

O conhecimento dos instrumentais de administração, quando muito, podem fazer dos hoje chamados "administradores", TECNOCRATAS, com visão curta do valor, da responsabilidade e da importância das instituições nas sociedades modernas.

Esse é o perfil do ADMINISTRADOR do futuro em cujas mãos estará a obrigação de propiciar o adequado funcionamento das sociedades de instituições, isto é, da próxima sociedade brasileira.

III – O PERFIL DO CONCLUINTE DO PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS NA VISÃO DO ADMINISTRADOR, FACE A CONJUNTURA SOCIOLÓGICA ATUAL E FUTURA

Diante do que anteriormente citamos, podemos chegar a algumas conclusões. Se acreditamos que a educação a nível médio é uma instrumentação para a vida, poderíamos sem grande margem de erro afirmar que todos os assuntos ou matérias de ADMINISTRAÇÃO tratados a nível universitário, hoje no Brasil, nada mais são que instrumentações para a tecnocracia. Contabilidade, Administração de Material, Administração de Pessoal, Processamento de Dados, etc., são assuntos que podem fazer parte das informações necessárias à formulação do perfil de um concluinte do 1º e do 2º Grau, iniciando-se estas informações naquele e concluindo neste grau.

A TECNOCRACIA ADMINISTRATIVA servirá de instrumentação para qualquer ramo de atividade vital, e mesmo principalmente à gerência de um negócio, e caso queiramos endereçá-la mais profundamente, servirá de base para auxílio à formação do ADMINISTRADOR DO FUTURO, aquele que deverá reunir as habilidades necessárias para ADMINISTRAR as instituições, responsáveis pelo adequado funcionamento das sociedades de países desenvolvidos.

Brasília, 17 de setembro de 1976.

Antes de mais nada, devo dizer que toda vez que me é permitido, atendo gostosamente a este tipo de convite, para contato com educadores; porque o que mais me apavora, na função que eventualmente exerço, é o perigo permanente de, distanciado do educando, matéria-prima da Educação, tratar o assunto em termos de papel; e quanto mais tempo dura este meu exílio da sala de aula, mais cresce o meu temor. De aí, o socorrer-me destas privilegiadas ocasiões de entrar em contacto com aqueles que vivem diretamente ligados ao processo educativo, no dia-a-dia da escola, para aprender, para trocar experiências com os que vêem a educação sob o duplo enfoque — da teoria e da vida — ambos necessários. A prevalência de qualquer um deles poderia prejudicar a visão completa e global do problema; mas, a ter que prevalecer alguma, gostaria que prevalecesse sempre a visão do educador em serviço sobre a do educador na administração.

É por este motivo que colho, com alegria, todas as oportunidades que o limitado tempo me proporciona para encontro, para contatos com essas fontes vivas de informações e experiências, que são a melhor alimentação de quem se sente um pouco frustrado por estar longe de seus alunos.

Tinha pensado, como esquema para esta exposição, de progredir do mais vasto para o mais específico:

- o papel da educação na vida;
- o papel da escola na educação;
- o papel da escolaridade obrigatória (1.º grau) na escola;
- o professor para este tipo de escola.

Creio firmemente no futuro deste país, mas, a minha crença tem um fundamento só, não é o desenvolvimento, a não ser que se dê ao desenvolvimento sua substância verdadeira. O Papa Paulo VI na sua Encíclica "Populorum et Progressium," que tanta repercussão causou, disse que "o desenvolvimento é o novo nome da paz." Parodiando essa palavra, eu poderia dizer que "a educação é o novo nome do desenvolvimento." De modo que toda a minha esperança num país mais País nasce da esperança de uma educação melhor.

Acabamos de ouvir do Presidente da República que um país não é democrático quando as pessoas que o integram não têm saúde suficiente para participar; também acredito que é impossível democracia sem escolaridade mínima, que faça com que todas as pessoas realmente participem, sejam solidárias tanto nas decisões como nos frutos.

Por outro lado, não vivemos desenraizados do nosso tempo nem do universo que, hoje, para usar a conhecida palavra, é uma aldeia global; os meios de comunicação social fizeram com que todos nós vivamos em contacto com todos, de tal maneira que sejam impossíveis hoje aqueles ambientes fechados, herméticos e preservados, que constituíram por tantos anos a força de algumas doutrinas, nelas incluídas a doutrina da Igreja.

Seria necessário, ao menos em pinceladas muito rápidas, caracterizar alguma coisa deste tempo para, depois, alcançando a raiz, chegarmos a algumas soluções. Antecipo que para esta palestra trouxe documentação, mas detesto ler; irei apenas consultando uma ou outra no correr da conversa, pois prefiro o contato direto.

Vivemos um tempo ambivalente e áspero, em que os problemas mais simples carregam-se misteriosamente de conteúdo explosivo, tornando cada dia mais árduo o difícil exercício da lucidez. De um lado, tanto entre indivíduos como entre nações, o problema de consciência dos que reparam com olhos injectados de escândalo, tanta fome a quem falta o pão, e tanto pão a quem falta a fome, e não descobrindo à primeira vista os culpados contra os quais indignar-se com justiça, são impelidos a hesitar, com horror, entre duas blasfêmias: — negar a Providência divina ou acusá-la. De outro lado, cada vez mais freqüente na medida em que a sociedade progride, o desespero dos que triunfaram na vida; sua infelicidade, mais grave e mais profunda, não tem origem no malogro dos seus planos, o que seria explicável, mas no fato de que, tendo-os realizado, não se viram felizes.

A raiz mais pertinaz e mais profunda desses problemas está talvez na introdução do múltiplo onde deverá reinar a unidade, o plural adiante do singular, este plural que faz com que tantos tenham da comunidade humana uma idéia meramente horizontal e numérica, como se o número fosse sempre a fonte primeira dos direitos e deveres. Este plural que adultera por ve-

zes a própria substância e o próprio sentido das coisas. Com efeito, o que são verdades fora de Verdade, o que são direitos fora de Direito, para que servem pazes sem a Paz?

Eis por que a meta fundamental de toda educação verdadeira é restaurar esta unidade, impor sistema à massa desordenada de noções que nos chegam de todos os lados e por todos os sentidos. Este o sentido da educação na vida, uma educação que é um direito natural da pessoa humana. Flui este direito da evidência de que o homem é um ser dotado de potencialidades que lhe cabe atualizar e desenvolver. Isto se realiza na experiência de cada um e se traduz em hábitos, conhecimentos e valores a que o homem reage assimilando ou rejeitando, tornando-se deste modo sujeito antes que objeto da educação. Como direito individual tem como contrapartida o dever do Estado, que secundando compromissos primários do grupo familiar deve torná-lo efetivo.

Mas o homem, do mesmo passo que é um ser eminentemente individual, é um ser eminentemente social; em decorrência do que a educação deverá visualizar não apenas o indivíduo em si, mas, por igual, o membro da sociedade, que nela se deve inserir harmoniosamente através do apreço às tradições comuns, da participação no trabalho comunitário, na aspiração dos ideais da nação. Por ser o homem o agente e objeto do trabalho educativo, deve este responder à ânsia da criatura humana de realizar-se como pessoa participante do processo social.

Estou medindo cuidadosamente todas as palavras porque estou assentando as premissas das quais retirar depois o que devemos ministrar, como a contrapartida do Estado na educação obrigatória, a uma faixa etária definida na Constituição; o que significa permitir realizar o seu próprio enriquecimento em unidade interior, em comunicação com os outros homens e em consonância com o meio social, que, em círculos concêntricos, se alarga da família à comunidade, à nação e à humanidade.

Sob este ângulo é importante que a educação sintonize com o ambiente em se desenvolver, com o país em que floresce. Na linha deste pensamento, a educação deverá significar o esforço para transmitir, insisto, não apenas conhecimentos e técnicas, mas lealdade para com os valores e ideais que sustentam e animam a nação brasileira, o sentimento efetivo de solidariedade universal.

O Brasil se apresenta neste momento como país em desenvolvimento experimentando as contingências que são inerentes a este estágio de desenvolvimento, entre elas a carência de recursos humanos e de uma tecnologia que lhe permitam adequadamente utilizar o seu imenso patrimônio material jacente ainda, em grande parte, como riqueza potencial.

Por outro lado, para agravar o problema, o momento que vivemos se caracteriza pelo bem conhecido fenômeno da aceleração do tempo, conseqüência do processo sempre mais rápido por que avança a ciência com reflexo na tecnologia, renovada a prazos cada vez mais curtos. Nesta educação para a vida, cabe-nos o desafio de promover uma educação que tenha como meta uma sociedade democrática de que participem solidariamente todos, tanto nas decisões, como nos trabalhos e nos frutos. A sociedade democrática é, por definição, uma sociedade de pares; politicamente entre nós uma igualdade foi alcançada na letra da lei; economicamente reina ainda profunda desigualdade, distribuindo-se a população em camadas de níveis muito diversos. Cumpre atenuá-la pela justiça social que ampara o fraco e pela educação que eleva o homem, para formar o cidadão capaz de participar eficazmente das atividades produtivas da nação.

O saber que a escola democrática transmitirá (já entramos aqui no papel que a escola deve ter na educação) terá que ser um saber das coisas e não um saber sobre as coisas, com que se contentava a escola tradicional. Por outras palavras, terá transmitir conhecimentos científicos e desenvolver habilidades técnicas, formando profissionais para as múltiplas tarefas da sociedade industrial e tecnológica dos nossos dias.

O ideal será que cada um chegue ao grau mais elevado compatível com as suas aptidões; quanto mais educado o povo tanto mais próspera a nação, quanto mais educado o indivíduo tanto mais capaz de viver em plenitude. O único bem que nação alguma está em condições de desperdiçar é o talento de seus filhos.

Que escola será necessária para essa tarefa, para essa educação? Vamos aqui raciocinar em voz alta, entre oficiais do mesmo ofício, sujeitos talvez de forma mais ou menos consciente aos mesmos condicionamentos. Dizia há pouco, antes de iniciar a palestra, que por vezes me surpreendo, corado de vergonha, ao descobrir condicionamentos antigos do qual nunca tinha tomado consciência antes.

A primeira coisa a dizer a respeito dessa escola, e nunca será demais repeti-lo, é que a escola não está em crise apenas porque, de súbito, piorou. A escola de hoje não está fazendo um trabalho pior do que fez ontem; simplesmente a escola fez um serviço terrivelmente pobre o tempo todo. Mas o que toleramos no passado já não o podemos tolerar hoje, foi a nossa sensibilidade que trocou, estamos com a sensibilidade mais aguçada para os efeitos da escola que sofremos.

Que a escola de ontem, do século passado, era um lugar que as crianças adoravam, em que aprendiam, é pura ilusão. Será difícil apontar uma só autobiografia dos últimos trezentos anos em que os anos da escola sejam descritos como anos felizes. A escola era um lugar de tormento, de tédio, de sofrimento onde, como toda a escola sabia, apenas um em cada dez alunos aprendia alguma coisa. O resto era considerado menos apto, para usar uma palavra delicada e substituindo, à última hora, o epíteto que se dava e as orelhas que se impunham, postizas mas nem por isso menos deprimentes.

No passado mais remoto a família e o trabalho eram os grandes educadores. A maioria dos jovens saía da escola antes dos 15 anos; muito antes já tinham começado a trabalhar na fazenda ou na loja da família. A escola era eventual; a falta de escolaridade formal era, no máximo, uma ligeira desvantagem. Podia-se ser um excelente agricultor, um ótimo carpinteiro sem saber escrever mais do que o próprio nome.

Hoje, o acesso a uma carreira, à maioria das oportunidades e à educação, faz-se através da escola. Esperamos da escola — esta é uma expectativa que nenhuma escola teve que enfrentar antes — que a maioria dos estudantes, senão todos, aprendam realmente tudo ou o máximo na escola.

O educador que temos hoje tem um poder muito maior dos que os educadores de antanho. Os outros tinham violência, hoje tem poder. O professor de hoje é quem decide quando a criança passa para a terceira série ou quando não passa, e esta decisão raramente é reexaminada. É um poder com muito pouca responsabilidade, até o próprio educador às vezes ignora a extensão do seu poder. Os pais, em casa, quando vêem a repercussão desses atos dos educadores, tomam consciência mais nítida desse poder arbitrário dos educadores.

Estou usando o método caricatural de dizer o que a escola não deve ser para que, como fruto da palestra cheguemos juntos, por exclusão, ao que a escola deve ser. O currículo de nossas escolas concentra-se muita vez num pequeno e estreito setor: o puramente verbal. Os educadores preocupam-se hoje com as mesmíssimas coisas com que se preocupavam os monges de 800 anos, quando treinavam escribas para o mosteiro ou para o serviço do Rei. A parte maior de uma pessoa, do educando, não é alimentada na escola. Deste modo, a crise da escola é mais um problema de crescimento que de fracasso, parece maior porque a escola cresceu. Não obstante, é uma crise real. Requer um pensamento novo e fundamental, uma estrutura nova, desde o currículo aos métodos de ensino, desde os objetos à responsabilidade e à prestação de contas.

Em qualquer país hoje, a escola praticamente se baseia em quatro grandes pressupostos:

- a instrução é uma atividade “intelectual” separada e distinta;
- a instrução está divorciada da execução, na verdade é o seu oposto;
- na melhor das hipóteses é uma preparação para fazer as coisas;
- a instrução, porque é preparação, destina-se aos jovens.

O tempo para aprendizagem, dentro desta filosofia, é aquela fase em que o ser humano é considerado suficientemente maduro para ter um entendimento racional mas não suficientemente maduro para fazer um trabalho produtivo. E o indivíduo pára de aprender assim que começa a fazer.

Hoje, sabemos que a aprendizagem é um processo biológico contínuo, começa no momento da concepção e termina com a morte. A aprendizagem, dentro deste novo enfoque, não está reservada àqueles que são velhos demais para brincar e novos demais para trabalhar. Não existe diferença entre o modo como a criança aprende e o modo como o adulto aprende. O processo de aprendizagem é um só.

Também sabemos que a aprendizagem não é um domínio exclusivo da mente e do intelecto. Envolve a pessoa como um todo, a mão, o olho, o músculo, o cérebro. Assim, a idéia de que uma pessoa, na escola, aprende e nos outros lugares faz, está se tornando cada dia mais insustentável. Aliás, é velha a palavra do inglês: “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”...

Ninguém pode dizer o que acontecerá nas escolas neste ano ou no próximo; mas já sabemos razoavelmente onde deveremos chegar com uma escola para que seja escola. Procurarei reduzir o enfoque a alguns pontos gerais, mais provocadores de debates, em vez de estruturar propriamente uma doutrina estabelecida e acabada.

1. A escola não terá reprovados. A reprovação nasce exatamente do vicioso processo de avaliação e do vicioso processo de ministração de conhecimento. Ela deve garantir a toda e qualquer criança uma elevação mínima no desempenho e no aproveitamento de suas aptidões fundamentais. Toda vez que damos à criança as condições para ela alimentar, no seu ritmo próprio, as aptidões que tem, não há por que haver qualquer coisa que a reprove. Não podemos continuar falando em crianças vadias e crianças aplicadas; quase todas as crianças (com exceção dos excepcionais negativos, assim chamados justamente por serem exceção à regra), quase todas as crianças, por volta dos três ou quatro anos, aprendem aptidões básicas que são infinitamente mais complexas e mais difíceis do que tudo o que se procura ensinar-lhes na escola. Mesmo a criança normal menos dotada aprende a linguagem, por exemplo. Devemos esperar que as escolas de amanhã ajudem cada criança a adquirir outras aptidões secundárias, que são menos difíceis, assim como continuamos a esperar que cada família habilite a criança a aprender a andar e a falar.

2. As escolas devem utilizar o ritmo próprio do indivíduo, a sua própria velocidade de aprendizagem, o seu próprio padrão. Isto também aprendemos, ao observar como um bebê adquire aptidões básicas. Não há duas crianças que aprendam a falar da mesma maneira. (Os pais aqui presentes estão acenando afirmativamente com a cabeça). Uma criança ensaia sons durante horas a fio, e, segundo parece, não se cansa (cansa os adultos). A criança seguinte brinca com sons durante 10 minutos, depois muda para qualquer outra coisa, 10 minutos depois volta a brincar com os sons e assim por diante, revelando o ritmo dos seus interesses ao qual deve corresponder o ritmo da aprendizagem.

Deste modo, o tradicional avanço da educação por escalões uniformes, que pode ter sido necessidade em algum tempo, já não deve ser rígido em nossas escolas. É o famoso “aluno médio”, que não existe na realidade. Toda vez que aplicamos a estatística neste campo, estamos nos dirigindo a um ente de razão; estaremos caminhando demasiado ligeiro para os alunos lentos, e demasiado lento para os alunos ligeiros.

3. A escola tradicional adota o regime de trabalho intensivo; não dispõe de ferramentas, nem de equipamento próprio. Apóia-se na execução de tarefas ou deveres, o que significa que a conveniência do professor se impõe à conveniência dos alunos.

4. A escola de hoje ainda é uma escola de escribas. Somos assediados e perseguidos pela devoção ao verbal, menosprezando tudo o que não seja ler, escrever e contar. No entanto, uma simples olhada deveria ser suficiente para nos mostrar um

mundo em que as habilitações verbais não são as únicas produtivas. Elas são necessárias, constituem uma base; mas as aptidões puramente verbais já não são o elemento central do desempenho quando os meios eletrônicos transportam a principal carga de informação. Houve uma era de tradição verbal, que vigorou por milênios, transmitindo a história e o saber; a própria história religiosa, a mais antiga documentadamente, a história de Israel, feita através de transmissões verbais, exatamente porque não havia na época outros meios eficazes de transmissão. A esta era de tradição verbal sucedeu-se a nossa; e a escola tem que se adaptar a este tipo de educação.

Muito se tem dito contra a rigidez do pequeno colégio dos meados do século XIX, do seu bitolamento religioso e de sua estrutura autoritária; o símbolo dessa escola, entre nós, foi a palmatória. Mas fazia parte de uma comunidade que era religiosa e autoritária; tanto o colégio como a comunidade o eram. As grandes universidades de hoje talvez sejam intelectualmente mais ricas, mais livres, mais gratificantes do que as comunidades universitárias da idade média, mas não são comunidades, perderam exatamente este engajamento na comunidade a que devem servir.

O assunto é rico, mas preciso passar para o título seguinte: o que deve fazer a escolaridade obrigatória nesta escola como a vislumbramos. Ao pesquisar para, em 1963, elaborar o Parecer sobre o exame de admissão, encontrei o que uma escola obrigatória devia fazer para todos: objetivos da língua pátria:

a) Desenvolver um acervo de experiências, base fundamental para a expressão e riqueza de vocabulário e idéia. Repare-se a inversão; não se trata de desenvolver uma coleção de palavras que sirvam de rótulos para experiências que virão; ao contrário, trata-se de desenvolver experiências que sirvam de base para idéias e recebam depois a rotulação da palavra.

b) Desenvolver em cada criança, de acordo com a sua capacidade, hábitos, atitudes, habilidades necessários à comunicação efetiva através da linguagem oral e escrita, da leitura e da audição.

c) Reconhecer a íntima correlação entre o crescimento do poder da linguagem e o desenvolvimento pessoal e social da criança.

d) Reconhecer o uso da linguagem como meio de expressão criadora, bem como instrumento de ajustamento social.

I - Objetivos da Aritmética

a) Desenvolver no aluno a habilidade de usar os vários processos aritméticos, compreendendo-os;

b) Dar às crianças ricas e variadas experiências que possibilitarão às mesmas a habilidade em aplicar os processos quantitativos efetivamente em situações sociais dentro e fora da escola.

II - Objetivos das Ciências Naturais

a) Levar a criança à compreensão de alguns conceitos científicos e a generalizações que possam ser usadas na interpretação de seu meio ambiente;

b) Levar a criança a desenvolver a habilidade de solucionar problemas;

c) Desenvolver na criança a atitude científica;

d) Desenvolver na criança interesse e apreciação pelo mundo físico em que vive.

III - Objetivos das Ciências Sociais

a) O desenvolvimento integral do educando, fazendo com que ele adquira conhecimentos, forme ou desenvolva atitudes, habilidades e hábitos atinentes às relações humanas;

b) A formação social da criança, fazendo-a compreender o mundo em que vive, destacando a interdependência das pessoas entre si, e entre as pessoas e o meio, evidenciando o valor do indivíduo na vida na sociedade;

c) A formação de um bom cidadão, levando-o a compreender o passado histórico de seu país, a importância e a realidade do seu território, os recursos nele existentes e o valor do trabalho humano no presente;

d) O uso adequado dos símbolos e materiais relacionados com esta disciplina através do uso constante de atividades.

Leio-lhes agora Indicação que apresentei no CFE, também em 1963, a participantes de uma Reunião Conjunta de Conselhos de Educação. A nomenclatura é da Lei de então. Nela se dizia:

I - Escola Média, escola para todos, pelo menos quanto ao 1º ciclo, prolongamento natural do curso primário, encaminhando-se para a obrigatoriedade futura, não escola seletiva ou preparatória a profissões ditas liberais. Dentro deste princípio, convém:

1 - Articular harmoniosamente o ensino primário com o médio, dando tratamento adequado ao ano de transição, por exemplo, através de incipiente diversificação de professores;

2 - Evitar, no ingresso do ginásio, qualquer exigência descabida ou meramente formal, "de sorte que se assegure o acesso à escola ao maior número possível de educandos" (art. 93,1);

3 - Não entrar a circulação entre as séries e entre os cursos, dando ao problema das transferências e adaptações um mínimo do formalismo e um máximo de autenticidade;

4 - Dar estruturação apropriada aos cursos noturnos, levando em conta a idade, as condições peculiares em que os alu-

nos estudam, o número menor de dias letivos;

5 - Equacionar em termos de real serventia, com as necessárias cautelas mas sem exageros, o problema dos que não puderam estudar com "observância de regime escolar" (art. 99), proporcionando-lhes exames em que se apure maturidade de conhecimentos mais que soma de informações.

II - Escola Média, escola flexível, em que unidade não é sinônimo de uniformidade, variável de região para região de acordo com as peculiaridades do meio. Como consequência, se impõe:

1 - Atender "à variedade dos cursos, à flexibilidade dos currículos e à articulação dos diversos graus e ramos" (art.12);

2 - Classificar as escolas, não somente pela instalação material, mas pela variedade, riqueza e boa dosagem dos currículos que oferece;

3 - Incentivar, na equivalência dos cursos, o desenvolvimento do ensino de ciências e sua aplicação no plano técnico e prático (art 93, 3);

4 - Respeitar as características dos diversos ciclos do ensino, relacionando-os com os ciclos evolutivos do aluno, limitando ao 2º ciclo técnico qualquer formação propriamente profissional;

5 - Na articulação entre o ensino médio e o superior, preservar o caráter de formação cultural que é próprio da 3ª série colegial do curso secundário, a qual, conquanto possa revestir-se de um sentido preparatório, não deve tornar-se pré-profissional.

III - Escola Média, escola descentralizada, autônoma, baseada na convicção de que não é uma lei altamente centralizada o meio mais apto a criar um alto nível de instrução, mas, ao contrário, o esforço do educador, seus acertos e seus erros reconhecidos e sanados, o debate franco entre professores, administradores, pais e alunos num assunto que é de natureza técnica e que interessa a eles, antes de ninguém; no entanto:

1 - Centralização não significa somente a sede do poder unificada e distante, porém o fato de alguém comandar sem estar presente e a absorção de poder pelo órgão controlador;

2 - Descentralizar não é apenas substituir a centralização federal pela estadual, mas - num clima estimulador de confiança mútua - partilhar com a escola os encargos e responsabilidades da educação;

3 - A inspeção tenha assim sentido de presença, assistência técnica e estímulo, mais que de controle remoto, feito por interposta pessoa;

4 - Atende a escola para a liberdade com que pode dispor, em regimento ou estatutos, sobre a sua organização, a constituição de seus cursos, o seu regime administrativo, disciplinar e didático, e para a responsabilidade que esta liberdade lhe acarreta;

5 - Além da ação coordenadora através de um núcleo comum de disciplinas e normas, a interferência da União, fora dos Territórios, deve cingir-se a suprir as deficiências locais (art. 13). Esta ação supletiva deve traduzir-se mais em ajuda técnica e financeira que na manutenção de escolas próprias.

IV - Escola Média, escola integrada no meio, integração que deve entender-se não como confiamento, mas como ambientação, que valoriza, aproveita e projeta os elementos locais na direção; integração que se traduz e manifesta:

1 - "Dando especial relevo" (art. 40) à língua pátria e à cultura regional;

2 - Valorizando as disciplinas estaduais, as optativas e sobretudo as práticas educativas;

3 - Colocando a escola a serviço dos alunos pela eficiente utilização das disciplinas e práticas vocacionais "dentro das necessidades e possibilidades locais" (art. 44 § 2.);

4 - Instituído uma orientação educativa e vocacional, que não se encarne numa pessoa mas se distribua solidariamente por todos, sob a coordenação do orientador; que não se faça apenas na escola, a portas fechadas, mas "em cooperação com a família" (art. 38, V);

5 - Cuidando que os "processos" de educação moral, cívica, artística e física dos alunos não se confinem à escola, mas incluam a família e a comunidade.

Mais adiante na III Conferência Nacional de Educação, na Bahia, já se dava um passo seguinte, solicitando aos sistemas de ensino que enquanto o ginásio não se incorporasse à obrigatoriedade escolar, que se instituísem uma quinta e uma sexta séries, com características praticamente iguais às duas primeiras do ginásio. No que respeita à cultura geral, sejam a 5ª e 6ª séries constituídas essencialmente das disciplinas obrigatórias do ginásio, em nível equivalente à primeira e segunda séries; o currículo destas séries deve ser organizado de forma a introduzir o educando no mundo da técnica e do trabalho. A duração mínima do ano letivo seja de 180 dias de trabalho escolar efetivo, com carga horária de 24 horas semanais. Os Institutos de educação e as Faculdades de Filosofia ou Educação se preocupem com a preparação dos professores para estas duas séries de essências e finalidades tão específicas; incentive-se a preparação dos professores, chamados polivalentes, formados em Licenciatura de 1º Ciclo para estas duas séries.

Relacionar esses elementos históricos é já responder a críticas que por vezes aparecem sobre a Lei nº 5.692: que desceu de pára-quadras. Não, como se pode deduzir dos documentos que acabo de ler, foi toda uma germinação lenta de doze ou quinze anos e de experimentações. Estas recomendações, por exemplo, feitas na Conferência Nacional de Educação da Bahia, começavam a executar-se logo no ano seguinte, no próprio sistema Educacional da Bahia.

Isso nos leva a outra ordem de considerações para caracterizar melhor a escolaridade obrigatória; já não digo a escola

de 1º grau, porque voluntariamente prefiro abalar as nomenclaturas vigentes, vez que o ensino é algo dinâmico e a escola de 1º grau de oito anos é estágio transitório para obrigatoriedade maior. Como será ela? Quantos anos de escolaridade abrangerá? Como serão estruturados seus conteúdos curriculares?

A raiz do problema talvez esteja em outra parte. Já dizia Bromfield que o que faz as coisas confusas nesta vida é que nada é inteiramente branco ou preto, mas muito misturado. Quero dizer que a dificuldade de situar com clareza onde está o nó do problema é que a escada da escolarização está seccionada em três patamares distintos e quase estanques, os três graus de ensino: o de 1º grau (que abrange "redefinidos", o primário e o ginásio), o de 2º grau (antigo colégio) e o de 3º grau ou superior.

Ora, esta divisão ternária parece artificial e discutível, tanto que tem flutuado com o tempo, com as leis e a realidade social do País. Para restringir-nos aos três últimos decênios, a Lei Orgânica de 1942 admitiu quatro níveis (sem contar o pré-primário e a pós-graduação): o primário, o ginásio, o colégio e o curso superior. Entre o primeiro e o segundo passava a linha de fronteira da obrigatoriedade e da eletização, esta representada pelo exame de admissão.

Depois, num segundo tempo, a Lei 4.024/61 grupou o 2º e 3º níveis (o ginásio e o colégio) no chamado "ensino médio". Veio a seguir a Lei 5.692/71, a qual, mantendo embora a divisão tripartida, redistribuiu os graus: fundiu o "primário" e o "ginásio" no ensino de 1º grau de oito séries, tornado obrigatório; manteve o segundo grau reduzido a três ou quatro anos; o 3º ou superior continuou com a duração variável.

Ao lado desta flutuação quantitativa, a nomenclatura também nunca foi lógica. Na Lei Orgânica havia o grau primário, o secundário, mas não o terciário; na 4.024 a salada era mais rica: ao lado do primário e do superior, havia ginásio e colégio, vocábulos de âmbito sabidamente fluido. A Lei 5.692, nos níveis de ensino que abrangeu, ao menos foi lógica: denominou-os 1º e 2º graus.

Se a estes aspectos juntarmos o exame etimológico dos termos empregados nas sucessivas Leis, chegaremos a constatações ainda mais curiosas; basta o exame da Lei de Diretrizes e Bases. Tínhamos nela o ensino primário, forma erudita do adjetivo primeiro, a indicar corretamente que tais estudos eram os iniciais; havia o ensino superior para a formação de profissionais do nível mais alto. Para o grau intermediário, na dificuldade de obter-se qualitativo que lhe retratasse a substância e a finalidade, optou-se como recurso por um termo topográfico: seria ensino médio, uma vez que localizado no meio, entre o primário e o superior.

Esta flutuação, que revela indefinição mais funda, e o exame atento dos conteúdos curriculares nos levam à conclusão de que, na realidade, só há dois graus de ensino: o que se volta para o educando e o voltado para o que ele pretende fazer na vida: o que forma e o que prepara; o não direcionado e o interessado; o preocupado com o presente, com a sondagem e o desenvolvimento das potencialidades do aluno, e voltado para o futuro, organizado para instrumentar-lhe os interesses já manifestados.

A linha de fronteira que separa estes dois tipos de escolarização não pode se traçar de forma absoluta e uniforme nem do lado do educando nem do dos cursos; mas, de forma aproximativa, e na ordenação geral dos nossos atuais graus de ensino, creio que passa na altura do 2º ano do 2º grau. Nesta ordem de raciocínio o que compete ao educador é preservar a autonomia dos dois graus, impedindo que a influência prematura (e, sob este aspecto, nefasta) do vestibular venha a perturbar, no conteúdo curricular e nos processos didáticos, um grau de ensino que tem finalidade própria.

E que professores faremos para este tipo de escola? A grande dificuldade da Lei 5.692 foi ter vindo depois da Lei..... 4.024. Foi difícil de explicar esta frase: a Lei 5.692 seria impossível sem a Lei 4.024, mas, neste âmbito em que estamos, a maior dificuldade para entender o primeiro grau reside exatamente em olhar para a divisão anterior dos graus de ensino. Muita gente continua entendendo que o primeiro grau é simplesmente a soma do primário com o ginásio.

O fato de os professores do antigo "ginásio" estarem sendo aproveitados para esta escola de 1º grau agrava bastante o problema; seria preciso quase uma lavagem cerebral para que tal professor possa repensar a escola em outros termos, a fim de que a escola de 1º grau logre preservar, em toda a sua pureza, a finalidade que lhe é própria. Uma escola feita, como está na Lei, para tripla finalidade: desenvolver as potencialidades do aluno (lembrar a escola que forma e da escola que prepara), formar o participante, abrir-lhe os olhos para uma sociedade eminentemente tecnológica, para a realidade do trabalho que circunda ainda mesmo durante o 1º grau, senão como uma profissão, ao menos como realidade que interfere na sua vida, nas suas naturais curiosidades que devem ser alimentadas. A isto chamou a Lei de "sondagem de aptidão" e "orientação para o trabalho".

Esta segunda palavra se presta, sim, a mal-entendidos, mas historicamente tem somente este sentido: uma aptidão que leva o aluno para algum tipo de atividade manual. Esta atividade manual e os conhecimentos que lhes servem de suporte devem ser alimentados na escola de 1º grau, não necessariamente a fim de preparar o educando para uma profissão definida, mas para responder a uma curiosidade. Na escola de 1º grau, não somos obrigados nem devemos preocupar-nos, mas também não podemos ignorar que o aluno vai viver num mundo tecnológico; precisamos formá-lo para isto, ainda de costas para as profissões, sem bitolar, desde então, o aluno do 1º grau para um tipo de profissão definida, a não ser no caso contemplado nas disposições transitórias da Lei, ou seja, quando a realidade local faz com que seja terminal a escola de 1º grau, às vezes na altura da 5ª ou da 6ª séries.

Mas como diz o ditado latino, "a arte é longa e a vida breve". Devo terminar esta parte expositória também porque, em circunstâncias como esta, mais me agrada o debate, onde aprendo, que a preleção, onde me atrevo a expor a quem, por certo, sabe mais e melhor.

Boa parte dos professores da escola antiga, ao menos da escola que tive, terminava seus cursos de preparação convictos

do que, de aí para frente, no seu labor de magistério, a eficácia de seu esforço se mediria pela eficiência na transmissão de conhecimentos. Não é bem mais modesta e, nem por isso, menos meritória a missão do educador: o maior bem que podemos fazer aos educandos não é comunicar-lhes a nossa riqueza, mas revelar-lhes a sua.

É possível que ao final de um curso preparador para o magistério muitos desejem moldar os discípulos à sua imagem, pensando em formar-lhes a inteligência pela ministração dos conhecimentos adquiridos ao longo dos seus cursos. Não. Não se trata de moldar, nem mesmo de fazer gravar, mas, para usar a poética linguagem de Anibal Machado, trata-se de elevar a temperatura do espírito dos educandos ao nível de fusão dos resíduos calcificados, de dilatar as fronteiras de seu espaço interior, não por ocupação colonizadora de noções já feitas, mas excitando ao vôo os pássaros neles adormecidos.

Não se trata, enfim, de fazê-los aprender, mas de fazê-los felizes, dessa felicidade que os gregos tão bem definiam como exercício de forças vitais em moldes de excelência numa vida que lhes proporcione felicidade.

Num primeiro instante desejaria formular agradecimento ao Secretário de Educação e Cultura, Embaixador Wladimir do Amaral Murinho, pela oportunidade que me confere de estar presente a esta reunião de tanta significância. Igualmente desejo agradecer ao Prof. Gildo Willadino por haver possibilitado este reencontro com os técnicos da Secretaria de Educação, velhos amigos e companheiros de trabalho de outrora. Gostaria, ainda, de ressaltar a importância com que encaro o Seminário, a relevância que ele tem para o sistema de ensino do Distrito Federal; e de patentear entusiasmo por esta iniciativa do DEPLAN, que, em última análise, é uma busca feliz, encaminhada, a nosso ver, como bússola que apontará o caminho seguro para o alcance do objetivo que o DEPLAN tem em vista, que é o de oferecer um melhor ensino àqueles que demandam o 1.º grau. Até aqui o DEPLAN tem reunido representantes de diferentes setores da atividade social e econômica e técnicos de Educação, todos eles para situar, do ângulo do seu posicionamento pessoal, uma prospectiva para o ensino de 1.º grau na Capital da República.

A metodologia utilizada pelo DEPLAN, com esta diversidade de especialistas se pronunciando sobre o problema do 1.º grau, pode oportunizar uma visão mais abrangente e socialmente mais aceitável da educação que se propõe às crianças e aos pré-adolescentes que freqüentam nossas escolas.

Ao final, os Técnicos da Secretaria de Educação poderão delinear um melhor perfil para o aluno em termos da qualidade de ensino pretendido e de satisfação às aspirações sociais e das famílias brasileiras.

Encerrado o preâmbulo, podemos iniciar-nos na tarefa de que nos incumbiu o DEPLAN, a de trazer aos senhores algumas idéias prospectivas do ensino de 1.º grau na Capital da República.

O fato de se estar adotando esta iniciativa no setor da administração do ensino, o fato de se estar auscultando opiniões; as mensagens que foram trazidas aqui, nesses dias, são sintomas de existência, na escola de hoje, de uma situação de crise. Crise é palavra muito freqüente quando se quer focalizar algum problema, seja ele de ordem social ou não, e em torno do qual o espírito humano se debate com dificuldades para encontrar solução apropriada.

É necessário, antes de mais nada, que nos situemos se realmente está ocorrendo uma crise na educação; se esta crise é exclusivamente da educação e, talvez assim, possamos pensar qual é o ponto crucial, ou o fator preponderante pelo qual se traduz a crise manifesta. Lembraria, aqui, uma análise teórica de tecnologia educativa publicada no "Boletim de Tecnologia Educativa", volume 1.º nº 1, da Organização dos Estados Americanos, em que se diz que a "maioria dos educadores, líderes políticos e cidadãos comuns de quase todas as nações do mundo estão de acordo pelo menos em um ponto: *quão inadequado é seu sistema educacional para responder às necessidades de sua sociedade. Os problemas sociais, os avanços tecnológicos, a crescente urbanização, as rápidas mudanças na natureza dos recursos humanos têm feito que grande parte do que foi aceito na prática da educação convencional esteja inadequado e inaceitável*".

Karl Mannheim em seu livro "Diagnóstico de nosso tempo" lembra que "quanto mais progredimos tanto menos sabemos para que estamos educando. Nos níveis primários da educação, andamos às apalpadelas, sem saber se devemos visar a criar milhões de racionalistas que se desartem dos costumes e tradições e julguem cada caso segundo seus méritos, ou se o objetivo principal da educação deve ser a transmissão da herança social e nacional que é focalizada na religião. Nos níveis mais elevados, não sabemos se devemos procurar a especialização, que é urgentemente necessária em uma sociedade industrializada com uma rigorosa divisão do trabalho, ou se devemos procurar moldar personalidades com cultura geral e bases filosóficas".

A imprecisão do futuro e o choque de tendências na instabilidade de valores que marca nosso momento não têm reflexos somente na educação. O processo civilizatório parece traduzir-se em uma longa caminhada para o desconhecido e as experiências desse processo tornam cada vez mais sombrias as veredas.

Chefiada por Denis Mideani, uma equipe do Instituto de Tecnologia de Massachussets usou o método de dinâmica de sistemas construindo um modelo computadorizado para estudar as complexas tendências globais com um sistema interligado.

As variáveis principais, a longo prazo, em número de cinco: população, oferta de alimentos, recursos naturais, produção industrial, poluição, foram estudadas e o resultado apresentado pelo grupo de cientistas foi o seguinte:

"Se continuarem inalteradas as atuais tendências na população, industrialização, poluição, produção de alimentos e exaustão de recursos do mundo, os limites do crescimento neste planeta serão alcançados nos próximos cem anos. O resultado mais provável será um declínio súbito e incontrolável da população e da capacidade industrial".

Ainda Alfred North Whitehead afirma que: *"É obrigação do futuro ser perigoso e figura entre os méritos da ciência equipá-lo para cumprir seus deveres. No futuro imediato haverá menos segurança e menos estabilidade do que no passado próximo. Precisamos admitir que há um grau de instabilidade inconsistente com a civilização. Mas, de um modo geral, as grandes épocas têm sido épocas instáveis".*

Acho que estamos vivendo uma grande época de crise, se pensarmos em toda instabilidade que está ocorrendo nos diferentes setores da sociedade atual, e se constatarmos que os estudiosos não deixam muitas esperanças a nosso futuro, se as coisas continuarem a se desenvolver por força do trabalho do homem, no sentido em que elas vêm sendo desenvolvidas. É bom exemplo o que ocorre no setor da ecologia.

Ado Leopold, lamentando a extinção de pombos de arribação em seu Estado, assim se expressa:

"Nenhum homem vivo voltará a ver a falange em revoada de pássaros vitoriosos, varrendo os céus de março, em busca da primavera, afugentando dos bosques de Visconce o inverno derrotado".

Sabemos que nossas reservas de petróleo estão se esgotando em todo o mundo. Qualquer pessoa de mais de 40 anos de idade teria sorrido ironicamente, há vinte anos, se lhe fosse feita a ameaça da falta desse combustível e, por certo, daria de ombros à idéia da necessidade de se buscarem novas fontes de energia. Esse é um impasse que nos transtorna como a incerteza dos melhores caminhos para a educação.

Ainda existem homens que na juventude foram sacudidos por um vento vivo, mas daqui a uma década, só os antiquíssimos carvalhos hão de se lembrar e pelos tempos afora só as colinas saberão. Nossos antepassados eram menos bem abrigados, menos bem alimentados e menos bem vestidos do que nós. As lutas pelas quais eles melhoraram sua sorte são as mesmas que nos eliminaram os pombos.

É possível que nos lamentemos agora, porque, no íntimo, não temos muita certeza se lucraremos com a troca. Os inventos da indústria trouxeram mais conforto do que o fizeram os pombos. Mas, terão acrescentado alguma coisa à glória da primavera? Realmente, em nosso país mesmo, já começamos a temer o que estamos promovendo em matéria de destruição dos nossos recursos naturais. Entretanto, a verdade é que o mundo industrial está nos ocasionando uma série de problemas que têm colocado em diferentes posições e feito crescer as incertezas sobre o vitorioso nesta corrida entre o *"progresso e o desastre"*.

Em uma entrevista feita com Alvin Toffler, autor do conhecido livro *"O Choque do Futuro"*, o autor concedeu algumas respostas que valem para profundas reflexões.

Indagou o repórter:

— *"Em seu famoso best-seller 'O Choque do Futuro', o Sr. esboçou alguns dos pontos fracos das finalidades e práticas da educação atual. O que diria aos pais que estão procurando definir sua posição no tocante à educação? Que podem eles fazer concretamente, para proporcionar a seus filhos uma boa educação e, ao mesmo tempo, um adestramento que os prepare para a vida como ela é na realidade?"*

— *"Eu começaria por dizer que muitos deles deveriam encorajar seus filhos mais velhos a abandonar a escola. A maioria dos pais fica muito perturbada quando um filho chega a casa e diz 'Eu quero largar a escola'. Não creio que os pais devam supor, automaticamente, que a escola é o melhor lugar para os seus filhos. Isso depende da idade e depende da personalidade do jovem. Para muitos jovens, é preferível não ingressar diretamente na universidade, por exemplo, logo que concluem a escola secundária. Talvez fosse mais aconselhável, para eles, saltarem da esteira transportadora da linha de montagem educacional e só voltarem a ela algum tempo depois, quando souberem o que querem fazer.*

Acredito que o sistema educacional, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Japão — todas as nações ricas — é, basicamente, um sistema planejado muito cuidadosamente para produzir gente que se ajuste a uma cultura industrial. Faz um belo trabalho.

Visitei um ginásio em Hokkaido e vi estudantes japoneses debruçados sobre as mesas, envergando uniformes, trabalhando arduamente e sendo treinados — não educados, mas treinados, embora os educadores chamem a isso educação — para serem bons empregados da Toyota, da Seiko, da Nikon, tal como nos Estados Unidos estamos adestrando os jovens para serem bons funcionários da U.S. Steel ou da Ford Motor Company. Ainda acreditamos que o êxito na vida exige uma grande soma de obediência de processamento rotineiro; que o trabalho será entediante, repetitivo e difícil.

Também queremos que os jovens possuam um sistema materialista de valores porque, se a sociedade, como um todo, professa um sistema materialista de valores — se o êxito significa correr atrás do dólar ou do ien, e nós somos todos animais econômicos — então será muito fácil controlar todo o mundo. O que está acontecendo, hoje, é uma profunda revolução na educação. Todas essas coisas estão se desintegrando. Os estudantes resistem à pressão para a obediência. Não aceitam a autoridade dos mais velhos. Não querem trabalho de rotina; não querem trabalho padronizado; o mesmo trabalho do estudante do lado; e estão, pelo menos, pondo em dúvida a idéia — quando não em revolta aberta contra ela — de que a Economia é a coisa mais importante da vida. Creio que essas tendências entre os jovens deveriam ser encorajadas, em vez de contrariadas. Mas isso torna

as coisas muito difíceis para os educadores profissionais, convencidos de que sabem o que é melhor. Acredito que a maioria dos educadores é muito bem intencionada, mas não impede que causem grandes prejuízos às crianças a quem ensinam."

— "Alguns dos problemas não promanam do fato de as nossas escolas estarem preparadas para o treinamento profissional não para a educação?"

Não está aí uma diferença fundamental?"

— "Bem, os sociólogos consideram os sistemas educacionais instrumentos de socialização — formas de usinagem e padronização do ser humano para que se ajuste à sociedade. Isso ocorre entre as tribos primitivas, ainda mais que entre nós. Mas, a questão consiste em saber se essa usinagem é apropriada; se é para a sociedade que existiu no passado ou a sociedade do presente e se será apropriada para o futuro. Não acho que valha a pena despende muito esforço para apresentar uma definição clara de treinamento, em contraste com educação. A verdade é que se entremisturam."

Nós diríamos que se entremisturam de forma perigosa, no momento.

A par desta manifestação de Toffler, Peter F. Drucker afirma: "não se trata de a escola ter piorado. Pelo contrário, a escola adquiriu, subitamente, tal importância para o indivíduo, para a comunidade, para a economia e a sociedade que não podemos sofrer mais a tradicional incompetência, que o tempo consagrou, do sistema educacional. Que os estudantes se revoltarem não constitui novidade. Mas que se revoltarem porque os cursos são irrelevantes é não só novo, como salutar".

A orientação do ensino está não somente contestada em seus conteúdos, como a desatualização deles em relação às novas necessidades geradas começa a ser percebida pelos próprios alunos.

Talvez a orientação humanista e a tecnológica na educação atual se coloquem em oposição: ou temos a "cabeça cheia" ou condicionamos um empregado, ou o logos é inoperante ou a praxis é limitadora.

A respeito, Dumerval Trigueiro se manifesta:

"Nós significamos o mundo que nos significa" e ensinamos na medida desta significância. Não há como alijar do processo educativo o sentimento, o amor, a consideração da pessoa toda, do homem que pensa, que age e que sente, e que vive num mundo especial que ele percebe e que o afeta. Como diz Edgard Faure "o nosso tempo, a que se chamou o mundo acabado, não pode ser senão o do homem total: quer dizer, todos os homens e todo o homem". Estes parecem tender ao des-caso do fato de que existem para o homem e que, por conseguinte, a base de sua grandeza está na medida dessa realização de existência. Cabe, ainda hoje, a advertência tão antiga de Spencer: ensinamos tantas combinações químicas e tantas leis físicas e nossos alunos continuam sem saber a transformação química dos alimentos que ingerem.

Recentemente, as conclusões da VII Conferência de educadores indicavam a necessidade de se rever a proposta curricular do ensino em sua forma e em seu conteúdo, para torná-la acessível aos professores. Recomendaram, ainda, flexibilidade de funcionamento das escolas e, por via indireta, diminuição da pressão de autoridade do órgão central de administração e de um certo dirigismo nas ações docentes. Esses pontos traduziram, de um lado, o reconhecimento de que é necessário repensar a proposta de ensino de 1º grau e, de outro, que, ao nível da atividade docente, muitos professores recebem as sugestões e orientações emanadas do órgão central, como padrão acabado e irrevogável de direção de aprendizagem de seus alunos.

Este último caso é de fácil superação, mas o primeiro exigirá muita reflexão e disponibilidade de professores e especialistas para se constituir resposta positiva.

O psicólogo Herbert Girjioy é citado por Alvin Toffler na seguinte afirmação:

"A nova educação deve ensinar o indivíduo como classificar e reclassificar informação, como avaliar a sua veracidade, como alterar as categorias quando necessário, como examinar os problemas de uma nova direção, como ensinar-se a si mesmo". E o autor do "Choque do Futuro" conclui: "O analfabeto de amanhã não será o homem que não pode ler; será o homem que não chegou a aprender a aprender".

CONCLUSÕES

Deste conjunto de idéias em que tentamos situar que a crise não é, apenas, da educação; que é preciso repensar, em face da realidade atual, a verdadeira função da educação; que uma revisão de objetivos atingirá profundamente os conteúdos de ensino que propomos atualmente a todo o funcionamento da escola, vamos tentar algumas conclusões práticas.

1. Repetimos Ernest Boyer, afirmando que "a noção de que a educação é alguma coisa que alguém só consegue antes de trabalhar, deve ser substituída pela idéia de que a educação é um processo de toda a vida, que prossegue durante, depois e no trabalho". Este o novo conceito de educação, o de educação permanente, que não permite o tratamento isolado de um grau de ensino ou de uma modalidade ou tipo de ensino ou escola.
2. Muitas crianças, em face das necessidades atuais, estão cada vez em maior número e por mais tempo sozinhas, dependendo, extraordinariamente, do contato com pessoas, na escola, principalmente com os professores; provavelmente, para muitos, o grupo da escola pode representar a maior influência de vida, se oferecer vivência comunitária. Assim, o crescimento acentuado da matrícula de 1º grau, que exige instrumentos não convencionais de en-

sino, deve considerar a necessidade de contato das crianças com os adultos educadores.

3. A flexibilidade do ensino não é somente um problema de desformalização de exigências de matrícula e freqüência, mas de operação do ensino em que a rigidez de programas, horários, organização de classes, formas de avaliação, entre outros, deve ceder lugar a diferentes modalidades de ofertas de curso, adaptadas aos objetivos atuais da clientela.
4. A escola, neste enfoque de flexibilidade, como unidade administrativa menor, no sistema de ensino, deve caminhar para constituir-se em entidade autônoma do ponto de vista financeiro e pedagógico.
5. A consideração mais relevante no currículo de 1.º grau é, talvez, a de que as disciplinas, atividades ou áreas de estudos que se oferecem são meios para conseguirmos que os alunos adquiram e desenvolvam habilidades de: observação, reflexão, criação, discriminação de valores, julgamento, comunicação, convívio, cooperação, decisão, ação.
6. Quando nos pomos a discutir e a reformular a maneira de instruir os alunos em educação moral e cívica, programas de saúde, instrução religiosa, educação artística, educação física, etc., selecionando informações que possam repetir, eliminamos as possibilidades de transformar a escola em centro de vivência comunitária de ações nobres. *"Não admita", afirma Balmes Jaime, no século passado, referindo-se a quem aprende, "idéias sem analisar, nem proposição sem discutir, nem raciocínio sem examinar, nem regra sem comprovar; forme-se uma ciência própria que lhe pertença como seu sangue, que não seja uma simples recitação do que tenha lido, mas o fruto do que observou e pensou".*
7. A escola e os professores não podem repetir a figura de *"Dr. Jeckil e Mr. Hide"*, isto é, não podem apresentar-se aos alunos sob feição diferente do que realmente vivenciam. Coerência e honestidade são a base da confiança. Nenhum educador verdadeiro pode dar-se ao luxo de admitir que sua responsabilidade educativa termina nos limites da escola.
8. A escola ser repetitiva para uma aprendizagem já vencida pelo aluno é bom caminho para tornar-se ridícula como função. Isto vale para um currículo que, na zona rural, pretende que as crianças façam atividades de cultivo da terra, que é seu trabalho cotidiano fora da escola, como quando repropõe, ao aluno reprovado, grande parte de estudos já realizados com êxito, como quando, a título de preparação para a leitura, submete uma criança, que ajuda a família a enfiar colares de contas e fazer bonecos de cerâmica, a exercícios de coordenação motora. Se essa escola vendesse seus programas, teria prejuízos. Como os impõe, lesa a quem os recebe.
9. As crianças existem, diz Claparede, para *"brincar e para imitar"*. A escola está recebendo as crianças cada vez mais cedo, aos quatro, cinco, seis, sete anos. A escola de 1.º grau completa-se aos 14 anos. É preciso evitar que a escola se transforme num adulto siso que impede a criança de ser criança, porque seu currículo não é para brincadeiras. *"Não gosto de falar de infância", confessou Guimarães Rosa, certa vez, numa entrevista. "É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era míope e nem mesmo eu, nem ninguém sabia disso. Gostava de estudar sozinho e de brincar de Geografia..."*
10. Em algumas comunidades, conduzir as crianças a desenvolver hábitos de higiene, a combater certas moléstias, a identificar problemas de saúde, a se defender no trânsito, é o mais importante no currículo, porque é o único instrumento provável pelo qual a criança evitará a morte precoce.
11. Fala-se bastante em integrar a escola na Comunidade. O primeiro caminho há de ser o que faça da escola uma Comunidade verdadeira em que adultos e crianças dialoguem, desenvolvam atividades livres, reúnam-se para identificar problemas de qualquer ordem e inventar soluções.
12. Muitas crianças, quando chegam à escola, estão como o *"Rico"* de *"Caminho da Escola"* – Memórias, de Augusto Meyer – *"Caía sobre ele uma chuva de interrogações: no colégio se brigava? O professor seria uma espécie de homem gordo que aparta as brigas? Como é que se entrava? Como é que se aprendia?"*
"Não conseguia perceber com muita evidência a necessidade de aprender quando havia tanto brinquedo para se brincar e o sol brilhava mais claro no azul puríssimo."
Será que convém mudar, tão bruscamente, os rumos de uma vida como esta?

13. Diz Mannheim: *"A organização social da escola, o gênero de papéis sociais que o aluno tem oportunidade de nela desempenhar, se predomina a competição ou a cooperação, se existe mais oportunidade para o trabalho em equipe do que para as atividades isoladas, tudo contribui para o tipo de homem que se formará em semelhante ambiente"*.
14. Neste elenco de conclusões, a última encerra uma repulsa à pretensão de antecipar-se o porvir do ensino de 1º grau. Defenderemos, como melhor forma de adentrar-nos neste futuro, trabalhar sobre o presente e reformulá-la à luz de experiência atual e passada. E se não o fizermos, com seriedade, arriscamos a continuidade do processo educativo, porque quem não aproveita a experiência para rever as ações sofre o castigo terrível da repetição dos erros.

ANNA BERNARDES DA SILVEIRA ROCHA